

A ILLUSTRAÇÃO

DIRECTOR-PROPRIETARIO : MARIANO PINA

PARÍS

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO : 13, QUAI VOLTAIRE.

Dirigir todos os pedidos de assinaturas e numeros
arulho à em Portugal ao sr. DAVID CORAZZI, 422, rua
da Alfarra, LISBOA ; e no Brasil, as sr. José de
MELLO, 28, rua da Quinta do Rio de Janeiro.
Preço do numero à Paris, 1 franc.

6.º ANNO. — VOLUME VI. — N.º 18

PARIS 20 SETEMBRO DE 1889

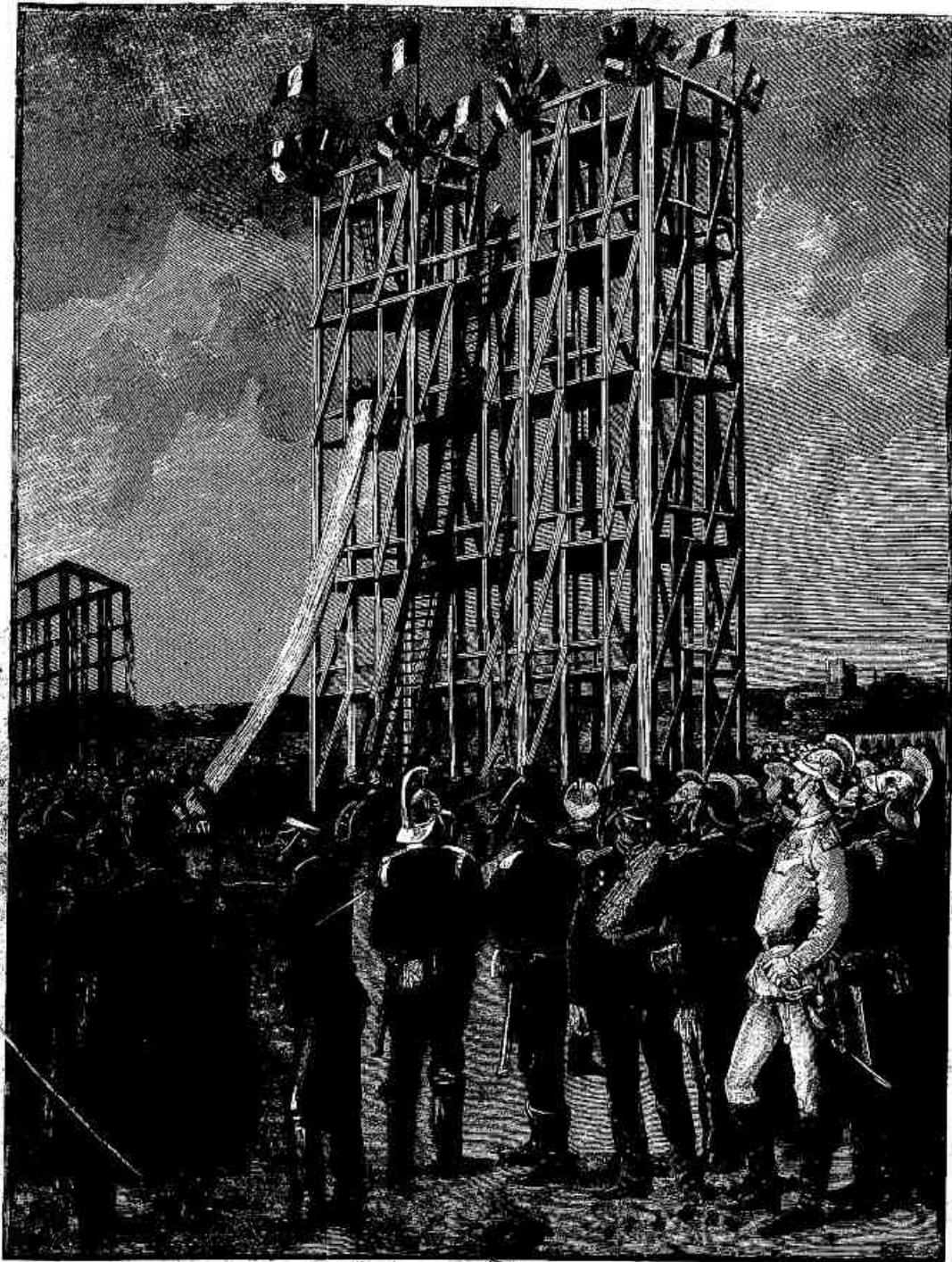
Gerente em Portugal e Brazil : DAVID CORAZZI.

RIO DE JANEIRO

JOSÉ DE MELLO, 28, RUA DA QUITANDA.

ASSIGNATURAS :

| | |
|---------------------|-------------|
| ANNU (CARTA) | 12.000 Réis |
| BIMESTRICAL (CORTE) | 6.000 — |
| ANNU (PROVINCIAL) | 14.000 — |
| ANNU (MUNICIPAL) | 500 — |



EXPOSIÇÃO DE PARÍS. — CONGRESSO INTERNACIONAL DOS BOMBEIROS. OS BOMBEIROS EXTRANGEIROS ASSISTINDO ÀS MANOBRAIS DOS BOMBEIROS DE PARIS.

VIAGEM A TORRE EIFFEL...

Chamamos a atenção dos nossos leitores para o próximo numero da ILLUSTRAÇÃO, em que publicaremos uma

VIAGEM A TORRE EIFFEL.

Illustrada com

VINTE GRAVURAS

representando toda a vida interior da famosa torre de 300 metros d'altura.

CHRONICA**AO MEU BOM BIOGRAPHO**

O Diário Ilustrado de Lisboa, no seu numero do dia 1.^o de setembro corrente, fez-me a imponente honra de oferecer a minha very estípia aos seus leitores. Isso apropósito da minha collaboração, modesta, mas sincera, na exposição portuguesa do Quai d'Orsay — a notável exposição agrícola e colonial, tão brillantemente instalada por Lord do Pinheiro.

A imponente honra e este prémio ao meu trabalho, espontaneamente conferido por um collega — (par estes tempos de egoísmo em que os collegas evitam imponer os nomes dos camaradas, para que o público não corra de preferência para este ou aquelle escritor, pondo de parte ilustres mediocridades triunfantes) — deixaram-me realmente reconhecido, e comodíssimo!

O que não impede, porém, que eu peça licença aos leitores do Ilustrado, para falar hoje de mim, respondendo aos erros praticados pelo meu biographo.

A Celebridade tem praticado tanta asneira, que talvez um dia se agarre a esse numero do Ilustrado, e me tome a sério — disseminando!

Se o fizer é uma grande tolice que pratico — attendendo à que fiz a tanto custo da Celebridade, como do primeiro cigarro que fumei...

Quanto o meu biographo diz que eu gosto da reclame — o biographo enganou-se redondamente, e não sei qual é que se traduz em boas libras sterlinas, para com elas poder saciar os apetites ilícitos do meu temperamento.

A reclame pela reclame, francamente não me seduz; como também nunca me seduziu avellha formulada sentimentalmente — « o teu amor é uma cabomba ». Prefiro « o teu amor » é um bonito charlatão em Cintra!!!

liste pacato scepticismo que eu tenho aprendido à minha custa, nos diversos contactos e conflitos que tenho tido com essa odiosa e perigosa fera de sobreacusa e choper alto, que se chama o Homem, — faz com que eu tenha a mais absoluta indiferença por isso que se chama a celebridade.

Palavra que não me sinto capaz de dar um passo para receber um aplauso! Que me serviriam os aplausos do mundo inteiro, se a minha consciência não estivesse satisfeita com a minha maneira de proceder???

Nunca escrevi uma linha que tivesse por fim agradar ao Póblico — apesar de todo o respeito que ele me merece. Nunca escrevi uma linha que me fosse com a ideia firme de destruir nma opinião ou um princípio que me pareciam errados e perigosos. D'outra o avultado numero de descontentes que a minha prosa levantou todos os dias.

E se eu amasse a reclame, — como seria facilmente obtida, collocando o sr. Flávio Ferreira ou Ido do Jeito de Deus, o sr. Cunha Seixas ou Ido de Antônio da Quatal, o sr. Visconde de Melicio ou par de Antônio Augusto d'Agoiari...

Não, meu caro sr. biographo, para mim o gosto da vida é muito diferente de modo como o sr. imagina que eu o aprecio. Esse gosto é todo intimo e todo individual. A reclame, a celebridade, a glória, o aporte de mão a torto e a direito, ser apresentado a com sujeitos por dia, receber elogios e festas de todo a gente, — tudo isso que o sr. me atribuiu, me deixa triste.

Mas de-me livros, de-me quadros, de-me bom theatro, e uma boa cosinha, e uns meus de verão em certo sítio de Portugal onde o meu ser parece que se mistura e se une á arvores, aos legumes, á flores, á casas, aos animais, a tudo que me vio nascer e que foi para mim a principal revolução do mundo; — que eu lhe darei em troco a carte de conselhos, a grā-eras de todas as ordens, a carte de duque, e os milhões do sr. Monteiro ou do sr. Marques da Foz, que é porquê hoje suspira todo o português bachelat e amanuense...

Há portum dois erros que podem passar ao estudo do leitor, e que me convém destruir,

1.^o — Quantão aflição que comecei a minha carreira literaria investindo com o sr. Camillo Castello Branco;

a.^o — Quantão deixa de querer que o meu tempo se passa a descompor « as coisas portuguesas » — as coisas e as pessoas ».

Não fui eu que investi com o sr. Camillo Castello Branco, foi o ilustre romancista que investiu comigo, por occasião das questões da Câncioneira alegre.

Por esse tempo, o seu editor destruiu pelas redações das jornais, como amostra d'escandalos, as primeiras oito páginas do « Bento Maccio », que se achava no prelo.

A batalha estava renhida. Fossem as descomposturas na imprensa. Rebecava-se as discussões no Maristhelo e na Novanda. Românticos e realistas não se podiam ento traguar. Chegaram a haver duelos. E essas oito páginas do Juizinho Macario foram devoradas com fome, excitando curiosidade, indignação, espanto, gargalhadas, o diabolo !

N'um folheto hebdomadário que encontro escrevia para um jornal de Lisboa, dei conta do famoso acontecimento. E como então estava longe de saber de que meios se deve servir um editor para bem vender os seus livros, especiei quado a curiosidade do publico, — urremeti com nobre indignação contra o falchetto Chartron, dizendo-lhe que estava desprezando as lettras, mandando as redações amostras de romance, como qualquer fangueiro mandaria aos seus frequentes amostras de paano crú !

O folhetim chegou às mãos de Camillo. E apesar de nenhuma que fosse irreverente ou agressiva para o ilustre romancista, nem por isso lhe deixou de merecer as suas e as ironias.

Mas os oficiais do meu officio gostam de recordar esse questão, para ver se insinuam no publico a ideia de que eu comecei a minha carreira por um acto de irreverencia, de audacia e de desacato, digno de todas as censuras.

Os officiares do mesmo officio são umas excelentes pessoas... Em quanto os collegas tem todas as probabilidades de morrer á fome e de nunca adquirirem uma situação, mesmo modesta, mas sólida e independente, bem vive a coisa...

Até houve quem gemas ! Mas apenas um collega se torna independente, podendo pelo seu trabalho satisfazer as exigências do estomago e alguns dos apetites do espírito, — ai d'elles que são capazes de descobrir que tem morte d'homem as costas !...

Quanto à reputação de difamador das coisas portuguesas — « das coisas e das pessoas » — entendendo-nos !

Tinha obrigação de o ser, porque foram os senhores que me ensinaram a dizer mal da minha terra.

Quando deixei os bancos do Lycée e comecei a frequentar o Maristhelo, a Novanda, o Gremio, as redações das caixas de theatro, a minha maior surpresa e o meu maior esprito foi assisti-
r ás palavras em que se demoliam todos os ídolos, todos os símbolos que nas escolas me haviam obrigado a respeitar e a admirar.

Ninguém tomava a sério, nem a Justica, nem a Religião. A Politica era um lodilhão onde se iam empurrar todos quantos quisessem enriquecer por meios ilícitos. A festa da nossa independência era considerada como uma paridade de mau gosto; e João Pinto Ribeiro como um conspirador de theatro, cuja ação só serviu para almejar a rhetorica esfuzada devassidão membro da Assoiação r.^o de dezembro.

Nas palestras literarias nomeu ouvi falar de Gil Vicente, Bernardo Ribeiro era citado, com o mesmo ar de troça com que se cita o sr. Flávio. Camões passava por um sofrível massador; Filinto Elysee por um idiota; Bocejo por um pagão obsceno e pôco; Herculano por um retrogrado; Giraffé por um prosador banal que encobri a língua portuguesa de termos extrangeirados; Castilho por um imbecil que só matou o marquez de Pomell na tradução do Tartufo... E nunca ouvi falar, nem nos velhos chronistas, nem em Garcia de Resende; nem no Padre Antônio Vieira; nem no Padre Antônio de Oliveira; nem no Padre José Agostinho de Macedo; nem em tantas outras figuras da velha literatura portuguesa...

Fim compensação sabia-se ao certo o numero de discípulos de Zola; e havia suas duvidas sobre quem seria melhor: — se o mediocre discípulo Paul Alexis, se o grande mestre do Assomada!

De modo que todos os senhores da geração anterior à minha, as admitemrem-nos nos seus graus, longe de me mostrarem um Portugal com um passado glorioso, e ainda com forças e elementos próprios para ser um lindo paiz, prospecto, fecundo, sympathético e brilhante, os senhores mosiraram-nos nas suas palestras, nas suas ironias, e na sua má-lingua lisboeta, como um ridículo e sujo xérif d'entrudo, cheio de carneiro com batatas e da vinha eleitoral !...

Foram os senhores que me tiraram todas as ilusões, e que me ensinaram a dizer mal das coisas portuguesas. — mayas

Mas quiz a sorte que eu viasse para um paiz estrangeiro, para um paiz onde a ideia de Paix é a primeira religião; paixeta França que é grande que tira das fontes da sua tradição literaria a grandeza das suas lettras, da sua tradição artística o esplendor das suas artes; para esta França onde cada cidadão trabalha para o engrandecimento da sua terra, procurando ser original, evitando a assimilação das civilizações vizinhas...

Foi então que comprehendi que a primeira obrigação dum português é ser português !

Em França me nascou o desejo de conhecer a minha história ou minha literatura; foi da França que eu pude apreender bem os erros que se praticam em Lisboa, e a necessidade que ha de os combater sem tréguas.

D'ahi, aquillo a que o meu biographio chama as minhas « descomposturas nas coisas portuguesas — nas coisas e nas pessoas. »

A nossa instrução secundaria é vergonhosa, e é uma das causas da nossa decadência moral, — e não hesito em dizer-o.

O nosso Curso superior de Letras é um curso para pedantes — e digo-o.

A Academia de Bellas-Artes de Lisboa é uma obscuridade, tendo por unico professor de plástica historico um homem que nunca pintou um quadro, — e digo-o!

E' immedio dar 25 contos por anno a S. Carlos, enquanto se não da cinco reis de subsidio ao teatro de D. Maria — e digo-o!

E mais digo: — que o nosso Conservatorio se o não reformam, então devem fechar-o; que o teatro de D. Maria devia ser obrigado por escriptura a dar todas as semanas duas recitas de teatro classico portuguez; que é digna d'acóito a autorifilé que consentiu que um gazetiero fosse collocado ao lado da torre do Belém; que o mesmo castigo devia ser infligido a todos os camarinhas de Lisboa que tem approvado o corte de bellas árvoreas em diferentes pontas da cidade; que é imbecil por uma errada e estúpida compreensão de civilização, andar cortando pelas cidades e pelo provincia as manifestações exteriores do culto; que é estúpido procurar nacionalizar as corridas de cavalos, e não desenvolver o gosto pelas corridas de toiros, conservando-lhes todo o character do século passado; que é d'ignorantes não promover grandes festas por occasião do carnaval, para atribuir a Lisboa forasteiros; que o municipio de Lisboa e o governo deviam subsdiciar todas as emprezas que aparecessem, tendentes a augmentar os attractivos de Lisboa; que o governo devia resolver quanto antes a questão do Lazareto, alias perdemos d'aqui a pouco o desembarque em Lisboa de todo e qualquer passageiro da America do Sul; finalmente, que se não nos decidimos a ser portuguezes, capro-mover por todos os modos o engrandecimento de Lisboa e de Portugal, passamos a ser indígnos do paiz que pisamos e do passado que tanto nos enobrece.

* * *

O meu biographio não pode levar à paciencia as descomposturas nas pessoas.

Dir-lhe-hai apenas que a Exposição portuguesa do Quai d'Orsay numero se teria realizado, se tivesse hesitado diante da primeira sova ao sr. Visconde de Melicio — aristocrata doubla de jornalista!..

E aqui fico á espera da primeira historia de « principaes russos requerendo mundanos celebres » — para assim distribuir os velhos amigos de Lisboa...;

Bom biographio. A quanto arrouxa a necessidade de fechar um periodo, e de ser mundano — mundano e high-life!..

MARIMYO PINA.

AOS NOSSOS ASSIGNANTES

Quando no ultimo numero da ILLUSTRAÇÃO nós appellavammos para o suffragio de todos os nossos assignantes e leitores, para que elles decidissem se queriam que a ILLUSTRAÇÃO passasse a publicar-se TRES VEZES POR MEZ, em vez de duas, como actualmente sucede, — estavamnos longe de

esperar um tal interesse em responder ao nosso pedido.

Que elles nos permitem a desconfiança. Mas um jornal não é um objecto de primeiro necessidade, e julgámos poucos que se dariam ao incômodo de nos escrever.

Pois apenas chegou o ultimo numero da ILLUSTRAÇÃO a Portugal, logo na volta do correio nos foram expedidos para Paris — 1.277 BILHETES POSTAIS!..

Procedemos imediatamente à contagem, e verificamos o seguinte:

1.226 assignantes e leitores quiseram a ILLUSTRAÇÃO treze vezes por mez;

85 assignantes e leitores conformaram-se com o que decidir a maioria;

16 assignantes e leitores estavam d'acordo com o que decidir a empreza do jornal.

1.327

Já contamos pois com 1.277 bilhetes. Mas 1.277 respostas é por enquanto pouquissimo relativamente ao elevado numero de assignantes que contamos em Portugal, sem falar-nos do Brasil.

Pedimos pois a todos os srs. assignantes e leitores da ILLUSTRAÇÃO o pequeno sacrifício de pagarem num bilhete postal de 20 reis, assim dirigido:

DIRECTOR DA ILLUSTRAÇÃO
13, Quai Voltaire, 13
PARIS

e de nos dizerem SE QUEREM OU NÃO que a ILLUSTRAÇÃO passe a publicar-se TRES VEZES POR MEZ em vez de duas, como actualmente sucede.

Nesses bilhetes postais deve vir perfeitamente indicado O NOME E A MORADA de cada pessoa.

Conforme dissemos no ultimo numero, apenas o nosso jornal passasse a publicar-se treze vezes por mez, começaríamos logo a publicação de romances dos mais celebrados autores modernos, ilustrados com magnificas gravuras executadas pelos primeiros artistas de Paris.

D'este modo a ILLUSTRAÇÃO passaria a ter dobrado interesse, tornando-se por esse facto uma verdadeira e completa revista de familia.

Mas tudo depende dos nossos leitores. A elles compete a escolha. Esperamos que as adhesões continuem proximamente numero, com o mesmo entusiasmo com o que hoje de manifestaram.



AS NOSSAS GRAVURAS

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS

CONGRESSO INTERNACIONAL
DOS BOMBEIROS

Foi no campo de Vincennes, sob a presidencia do sr. Carnot, que se realizou nos dias 29, 30 e 31 d'agosto, o concurso internacional de manobras de bombeiros d'incêndio. Em seguida os bombeiros de França e do exterior que se achavam em Paris reuniram-se em congresso, e discutiram sobre os modos de salvaguarda nos sinistros em que a sua bravura se exerceu tão gloriosamente.

A cidade de Paris não perdeu uma unica occasião para lhes testemunhar todo a sua sympathia. Houve muitas recepções em honra dos bombeiros, e a fachada do Hotel de Ville iluminou-se para receber os seus heroicos visitantes, vindos d'Inglaterra, da Rússia, da Hungria, da Suissa, de Portugal, etc.

No congresso dos bombeiros, Portugal achava-se representado pelo nosso querido amigo Augusto Gomes Ferreira, tenente de engenharia e Inspector dos incêndios, — que veio a Paris acompanhado dos bombeiros:

- Tomaz Mariz Esteves — IIº iii,
- Francisco Caetano Rodrigues — IIº 2º,
- António Rodrigues, Idiá — IIº 4º,
- Luís Victor Pedroso — IIº 1º.

Nas manobras foram especialmente notadas as delegações inglesas.

Representavam triunfo o sete cidadãos d'Inglaterra, entre os quais Manchester, que mandou seis bombeiros, seis membros da Life-saving brigade, corps staff. Esta sociedade de salvamento conta entre os seus membros doze mulheres, cuja presença mais symbolica do que practica, tem por fim principal demonstrar a facilidade com que os apparellos ingleses podiam ser manobrados, sem gasto de força phisica.

No gravado que hoje come a primeira pagina da ILLUSTRAÇÃO vêem-se os bombeiros ingleses, e os bombeiros estrangeiros, onto se destaca um tipo de bombeiro português, à direita d'um bombeiro com um uniforme branco.

N'outro desenho vêem-se as curiosas manobras d'ingleses, salvadepressas, descendo pelas mangueiras de salvamento, ou entro por meio d'uma corda.

Os serviços prestados pelas freguesias são de grande valor, enquanto não chegam os destacamentos de bombeiros e o respectivo material.

VISITANTES DA EXPOSIÇÃO. — S. A. R. O Sr. D. CARLOS DE BRAGANÇA.

A ILLUSTRAÇÃO que tem publicado os retratos de alguns illustres visitantes da Exposição, como S. M. o rei de Grécia, S. M. e a rainha da Pérsia, Edison, etc., — não podia deixar em silêncio a passagem em Paris de S. A. R. o sr. D. Carlos de Bragança, acompanhado dos srs. Condes de Seixal e de São Mamede.

S. A. R. o sr. Duque de Bragança depois de ter visitado detalhadamente o pavilhão português do quai d'Orsay, — passou os seus dias visitando misticamente todos as associações do Campo de Marte e da Esplanada dos Invalidos.

No dia em que S. A. R. subiu à torre Eiffel era esperado á entrada da torre pelos engenheiros e pelo diretor da Exposição.

AS GREVIES DE LONDRES

Diário e correspondente de Londres para o Flora de Paris, no dia 28 d'agosto findo.

« Não se trata d'uma só greve, mas de muitas, dentre d'alguns dias não sera só Londres que será minhada por este movimento, mas todos os portos d'Inglaterra, e é preciso não haver ilhodes, — da luta contra o capital que concece, lucra pacificamente, e que ha de ser sobrepujada pacifica, porque esse admiravelmente organizada. A situação aggrava-se cada vez mais; e ha actualmente com mil homens representando diversas corporações operarias, que formulam reclamações em que nem sequer haviam pensado, ante da greve, os operarios das docas. »

A greve continuou com tolle a intensidade. Os grevistas não queriam aceitar nenhuma arbitragem, e repelião todas as propostas que lhe eram feitas n'esta sentido.

A nosso gravura reproduz o aspecto exacto d'uma procissão de grevistas. Foi no dia 25 d'agosto que os operarios das docas de Londres organizaram esse manifestamento verdadeiramente imponente.

As cores horas das madinhas, mais de sessenta mil gravistas, com musicas e bandeiras, em filas de oito homens, pararam das docas dirigindo-se para Hyde-Park no som da Marselha.

O tempo estava magnifico. As rues percorridas pelo immenso corojo estavam cheias de gente, e no West-End assim como no City, a multidão mostrava sympathies aos manifestantes.

Em nenhum momento a polícia teve necessidade de intervir.

O PAGODE ANNAMITA

No esplanado dos Invalides (exposição das colônias francesas) os indigenas dos países asiaticos tem uma igreja ou pagode, chamado do Grande Tranquilidade, onde se professa a religião buddhica, para socorro e salvaguarda das suas almas.

Estes indígenas andavam tristes em Paris, por não terem nenhum templo budhico onde pudessem elevar as suas preces ate ao seu Deus. A Republica fez-lhes a vontade; e a direção da Exposição mudou-lhes construir um templo onde se adorasse dignamente Buddha.

O interior do templo é um admirável trabalho de escultura, executado em Manei, em menos de dois meses, expressamente para este fim. As madeiras — espécie de pau ferro chamado *goitim* e provenientes das florestas de Kanh-Hoi — tem a dureza e a cor do bronze.

Dentro do pagode há a Deusas da abundância, a Deusas das mil mãos, a Deusas da terra, e outras muitas Deusas.

Todos os ídolos são de madeira dourada. Quando vê a hierarquia divina, os nove bontos que exercem o culto no pagode da Grande Tranquillidade reúnem-se diante do altar: sou um tam-tom, ao qual responde um imenso guizo. Esta medonha simphonía forma uma terrível barulheira...

O público não é admitido no recinto sagrado, mas pode contemplar de fora estu curiosíssima sijna, porque as gelosias do templo ficam abertas e as contínuas erguidas.

Foi assim que o nosso ilustre desenhador Adrián Marie surpreendeu as pitorescas scenas daquelle dia com um tão interessante gravura.

VILLIERS D'ISLE-ADAM

A falta de espaço não nos permite no passado numero da Exposição acompanhar a chronica do nosso illustre collaborador Giess com um retrato do malogrado e grande escritor Villiers d'Isle-



VISITANTES DA EXPOSIÇÃO. — S. A. R. o sr. D. Carlos de Bragança

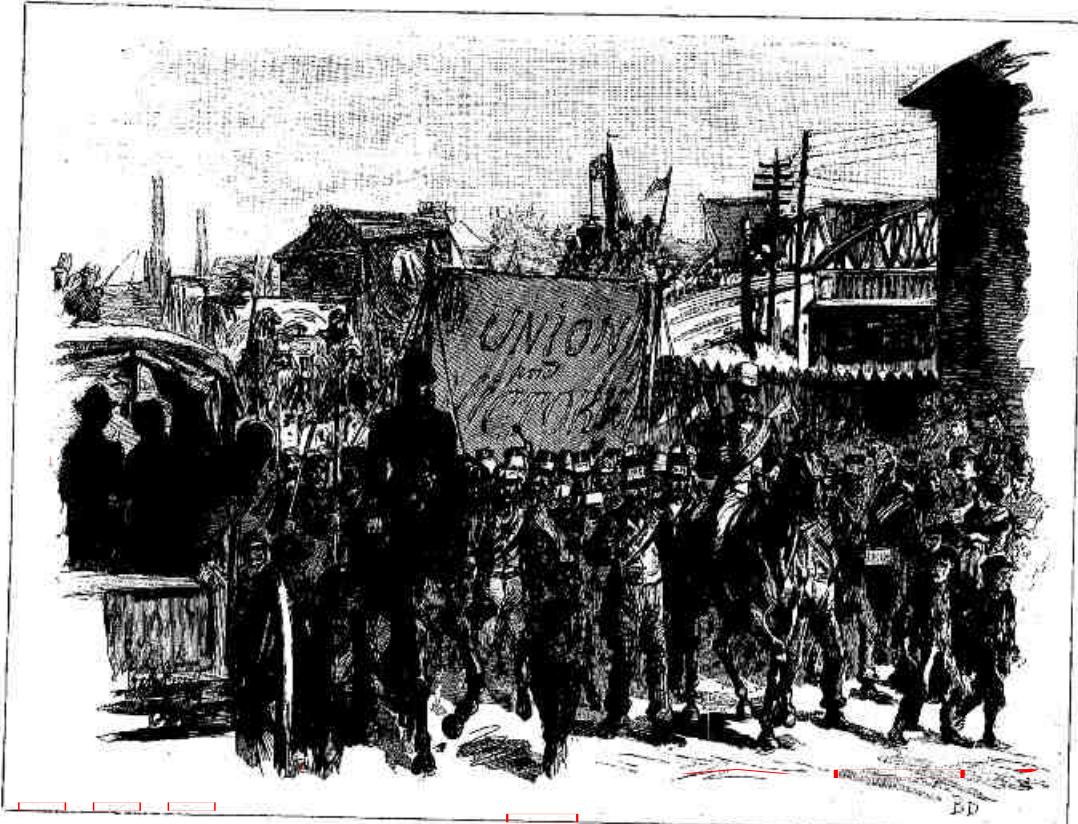
Adam, falecido há pouco em Paris. Prestamos hoje a nossa derna homenagem de respeito ao primoroso autor das *Fantaisies macânuas*, *Contes cruéis*, *Contes isolados*, *Acl, Isis, Tribulat Bonhomie*, etc.

O conde Villiers d'Isle-Adam (Auguste Mathias) nasceu em Saint-Brieuc (França) em 1833. Era o descendente d'uma antiga e nobilissima família francesa, que contou entre os seus membros um grande mestre da ordem de Malta.

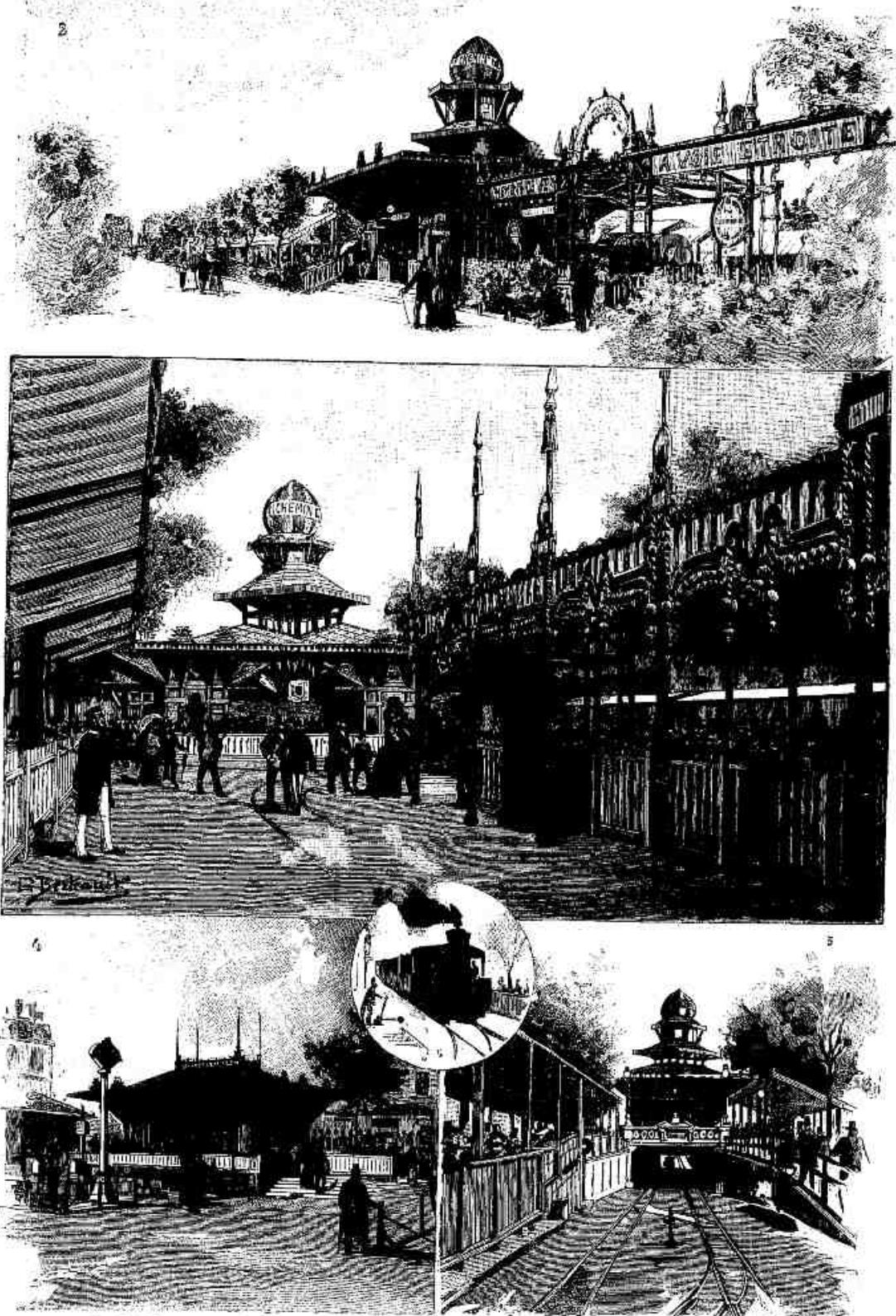
A GALERIA D'IONORA

A grande galeria que do zimbório central do Campo de Marte conduz à galeria dos machimões, é o mais bello e o mais sumptuoso vestíbulo que se possa sonhar para as quinze galérias laterais onde estão expostos os produtos da indústria francesa. Os arquitetos deram-lhe por causa das suas dimensões (altura e largura) o nome de galeria de trinta metros; mas o público prefere chamar-lhe galeria d'ionora, ou a rua das portas magníficas.

Achamo-nos aqui no coração da Exposição. À direita e à esquerda da imensa beldia que dá acesso a este vastíssimo hall, collocaram as sentinelas gloriosas da industria francesa, exposições das manufaturas de Sevres, dos Gobelins e dos Beauvais. Ostenstumse ali as belas tappezarias e os tapetes aveludados da Savonnerie; dezenas paixões destinados à decoração do salão d'Apollo no palácio do Elysee; treze painéis allegóricos que devem figurar na Biblioteca nacional de Paris. E as peças d'uma beleza grandiosa que expõem os Gobelins provam que a arte da



AS GREVISTAS DE LONDRES. — Uma preciosissima em West-Hamilton-Dock.



1. Estação da Concordia. — 2. Estação da Torre Eiffel. — 3. Tunel de 200 metros. — 4. Estação do Palácio das Máquinas. — 5. Uma locomotiva.

EXPOSIÇÃO DE PARIS. — O CAMINHO DE FERRO INTERIOR DA EXPOSIÇÃO.

pegaria tem sempre progredido desde Colbert até hoje.

A exposição das tapeçarias e a exposição do Serviço serve d'admirável prefácio à grande galeria central, onde nos conduz o laço do nosso desenho.

Que deslumbramento!... A direita e à esquerda só se vêem porticos scintillantes d'ouro, de marmore e de frescos, deixando ver até ao infinito as perspectivas das galerias dos grupos diversos. Cada um destes arcos de triunfo juxtapostos, parece dar entrada para um palácio das Mil e uma noites.

E' a porta dos tecidos com as suas colunas de onyx e as suas pinturas representando fisionomias; a da cama e da pesca com o seu frontão representando uma praia, os troncos d'árvores servindo de pilares e suportando, como se fossem trophées, abutres, aguins, cervos, gazelles; mais adiante as maravilhosas entradas da relojoaria e do palácio do ferro...

Mas não nos demoremos em detalhes, porque os nossos desenhadores ainda têm muito que nos mostrar.

Contentemo-nos hoje com a deslumbrante impressão d'este conjunto.

N'esta galeria que a princípio esteve para ficar deserta, para não prejudicar a circulação, projecto que felizmente foi posto de parte, vê-se: — a exposição da manufatura nacional de mosaico; um altar mór doado destinado à igreja de Saint-Ouen do Ronen; vitrines com sedas de Lyon; bronzes, órgãos; o monumento a La Fontaine, onde os animais parecem contarem as suas aventuras.

N'uma gruta onde corre um velo d'água clara, há um mosaico onde se vê Diana mirando na água o seu corpo de deusa; em seguida há o troféu dos metais, verdadeiro monumento de columnas de cobre, de ferro e de chumbo.

Finalmente, chegamos à fonte colossal de Bartholdi, consistindo de quatro fogosos cavalos arrastando o carro d'uma dousa que os segura com redes de flores.

E' d'este imenso hall sob constantemente um ruído particular e característico, uma espécie de symphonie composta das prisas d'espanto da multidão, do ruído dos passos dos visitantes, dos graves acordes dos órgãos expostos, aos quais às vezes se junta o súrgo tilintar do carrilhão da galeria da relojoaria... E lá ao fundo, n'uma poça luminosa, estende-se sob o seu céu de crystal a enorme galeria das Máquinas onde, continuamente, rocam e palpitan os gigantescos voluntas, as rodas vertiginosas, as turbinas infatigáveis... E tudo isto juntando-se ao espetáculo das maravilhas que se tecem diante dos olhos, toda esta vida febil e perturbadora, dão a este grandioso vestibulo um carácter de força triunfante e de explodir que nunca mais só poderá esquecer.

Foi o aspecto da galeria d'honneur que o nosso desenhador procurou mostrar aos leitores da ILUSTRADA.

Parece-nos que o podemos felicitar pela maneira como soube desempenhar-se de tão espinhosa missão.

Esta gravura ficará sendo um soberbo documento da grande Exposição de Paris, — como não encontrarão outro facilmente, nem em Portugal, nem no Brasil.

O CAMINHO DE FERRO DECAUVILLE

A nossa pagina representa vários aspectos do curioso caminho de ferro da via reduzida, sistema Decauville, que se acha instalado no próprio recinto da Exposição de Paris, conduzindo os visitantes desde o Palácio das máquinas até à Torre Eiffel, e da Torre Eiffel até ao extremo da Esplanada dos Invalidos (Exposição colonial francesa).

O caminho de ferro do sistema Decauville, de que já por vezes nos temos ocupado nas colunas

para as grandes linhas. Assim vemos o caminho de ferro Decauville galgar rampas, vencer curvas pronunciadíssimas, e ultrapassar vários tunelos, não em alvenaria... mas em madeira!...

As gares são lindíssimas, e o caminho de ferro Decauville constitui uma das verdadeiras curiosidades d'esta Exposição Universal, — d'esta Exposição cujas curiosidades e maravilhas seria impossível descrever em seis volumes da nossa ILUSTRADA.

EXPOSIÇÃO DE PARIS O PAVILHÃO DA REPÚBLICA ARGENTINA

A comissão argentina confiou a construção do esplendido pavilhão que a república sul-americana mandou levantar no Campo de Marte, ao sr. Bellu, o eminentíssimo arquitecto francês. Mas como à testa d'essa comissão se não achava nenhum Melicio, — como aconteceu com Portugal — este esplendido pavilhão de ferro e de crystal será transportado acabada a Exposição de Paris, para Buenos-Aires. Será para a capital da República argentina um magnífico palácio de exposições, por que mede setenta metros de comprido sobre vinte e cinco de largo, tendo custado 140000 francos.

Compõe-se d'uma imensa ossatura metálica, vestida e armada de porcelanas, tijolos e mosaicos do mais pitoresco efeito. Enormes facetas de vidro, flingindo diamantes, perolas, saphyras, rubis, esmeraldas, por traz das quais estão collocadas pequenas lampadas eléctricas, iluminam todas as noites as quatro faces d'este palácio. O efeito que produz é realmente phantástico.

Entre os artistas franceses que colaboraram nas pinturas decorativas interiores, figuram os nomes dos distintos pintores Tony Robert-Fleury, Georges, Duzé, Olivier Merson, Roll, Besnard, etc.

Como vêem, os argentinos souberam fazer uma exposição brilhante, ficando ao mesmo tempo com um palácio, que transportado para a República será uma das mais vistosas construções de Buenos-Aires.

E nós, portuguezes, que podíamos ter feito o mesmo com mais um bocadinho de sacrifício monetário e alguns menos comissários; nós que pudímos ter mandado construir um elegantíssimo pavilhão de ferro e crystal que podia mais tarde servir para ornamentar algum lado do parque onde há de finalizar a Avenida da Liberdade; — nós gastámos rios de dinheiro n'uma construção de madeira, gesso e lona, que nem nossa é, porque nos é apenas alugada pelo empreiteiro!... E tudo isto, graças ao sr. Melicio, que se queria dar azes de organizador infallível de exposições portuguesas, tanto em Portugal como no estrangeiro... Seja pelo divino amor de Deus!

O que falta na exposição argentina é o lado pittoresco, a impressão indígena do país. Os argonticos tiveram medo, ou vergonha, de mostrar o que elles temiam que se chamasse « o estado salvagem » do país. E deixaram apenas triunfar dentro do pavilhão, os productos do seu comércio e da sua indústria — assimilada das indústrias europeias.

A monotonia industrial é apenas quebrada por um lado da exposição, onde se assiste ao modo como se conservam as carnes a baixa temperatura, carnes que são exportadas em grande quantidade para a Europa, em caixas frigoríficas.

EXPOSIÇÃO DE PARIS. — O PAVILHÃO DO MÉXICO

O aspecto interior do pavilhão do México é realmente feroz. É uma enorme massa pyramidal, onde se não vê uma única janella.

A escada principal que liga dar entrada para o pavilhão — e que não passa d'uma escada decorativa — é d'uma rudeza e d'uma verticalidade capaz de causar vertigens. Mas parece que tem o dom de recordar as escadas dos antigos *Tecolitis atques*, e n'issó consiste toda a sua beleza.

As fachadas são ornadas de desenhos geométricos, escrupulosamente copiados dos antigos monumentos do México. Doze figuras colossais em melaleuva esforçam-se a alegrar esta fachada d'um tom sombrio de bronze. Representam os imperadores prehistóricos d'aspecto selvagem, esses dentes aos quais se imobilizam centenas de victimas humanas, ás quais os sacerdotes abriam os peitos à face. Se ajuizarem pela sua arquitectura, o México devia ter sido, n'essos séculos afastados, um país muito pouco divertido.

No interior d'este sombrio edifício que faz honra à ciência archeologica do sr. Anza, arquitecto mexicano, estão agglomeradas as riquezas d'este



MANOBRAS DAS DOMIDEIRAS INGLEZAS.

do ILUSTRADA, e que tão bellos resultados poderia dar em Lisboa fazendo o serviço das nossas estações balneares desde Alcântara até à Cruz Quebrada, — posse um material lindíssimo de 1.º, 2.º e 3.º classe. Dentro da exposição cada viagem em 2.ª classe custa apenas 0,25 centimos. Mas para se fazer ideia do prodigioso movimento de passageiros, basta dizer que a média dos bilhetes vendidos é por dia de 10000 francos, ou seja 1.300.000 réis!...

Para levar a effeito a instalação do caminho de ferro da Exposição, foi preciso proceder em ponto pequeno aos mesmos trabalhos que se executam

paiz d'America : café, indigo, algodão, pellões, assucar, minérios, pedras preciosas, madeiras, etc... E os países do pavilhão estão ornados de quadros representando vários aspectos da vida e da natureza no Mexico.

Este pavilhão é devaras notável, e produz um original efeito, no Campo de Marte, ao lado dos pavilhões do Brasil e da Republica Argentinian.

UMA REDUÇÃO DO «DIARIO ILUSTRADO»

No seu numero de domingo 1.^o do setembro corrente, o nosso estimado collega *Diário Ilustrado*, de Lisboa, publicava o retrato do nosso director Mariano Pina, acompanhado da biographia que em seguida publicamos.

Pedindo licença para reproduzir esse numero e transcrever o artigo — au qual largamente responde o nosso director — agradecemos ao *Diário Ilustrado* as palavras de grande elogio com que allude à *Ilustração*, considerando-a como digna de honrar com as primeiras publicações que no seu gênero se publicam na Europa.

E' nos grato archivar um tão exponente elogio, que bem mostra a aceitação que o nosso jornal encontra em Portugal, — e de declarar mais uma vez que a *Ilustração* é o que é, graças à tenacidade do seu director, e à confiança que elle tem no bom gosto e bom senso do público luso-brasileiro.

Quanto ás observações que nos poderiam sugerir certas passagens menções justas do artigo sobre Mariano Pina que abaixo transcrevemos, — deixámos-as de lado, attendendo a que Mariano Pina não hesitou em responder com uma crônica, que é uma rápida autobiografia, a cortas lendas que corem ás vezes a seu respeito, e de que o nosso collega de Lisboa se faz eco.

É o artigo em questão :

O COMITÉ DA EXPOSIÇÃO PORTUGUEZA EM PARIS

MARIANO PINA, secretário do comitê

Um mixto d'audacia e de força, bafejado pela sorte: audacia para se impôr, fazendofullur de si, força para vencer todas as resistências que encontra no seu caminho. Por cima de tudo, talento, e um poder d'assimilação que supera a falta de scienzia proprias.

Tal é, em dois traços, a silhueta d'este escriptor e jornalista quasi heróico, de vida nomada e aventurosa.

Principiou por onde os outros acabam, esgrimindo com os mestres.

Ainda novato nas lettras, mal pegou da pena para iniciar a sua carreira de jornalista, investiu com Garrido os céus. Valeu-lhe isso uma nova mestra, que o deixou a escorrer sangue.

Mas, como quem esgrime com os grandes luctadores se torna celebre á sombra d'elles, Mariano Pina começou desde logo a ser fullado, discutido nas palestras do Martinho e da Hayvancea.

Estava lançado o escriptor, estava iniciado o jornalista.

Se a memória nos não atraiçoá, Pina fez as suas primeiras armas no *Diário da Manhã* (hoje *Correio da Manhã*), tendo por director e mestre Pinheiro Chagas. Ao mesmo tempo, estudava o curso do Instituto Industrial, que não chegou a concluir, enamorado como andava pelas letras.

No *Diário da Manhã*, escreveu de tudo : novelas, crônicas, críticas d'arte, artigos de reportagem e contos. Tudo menos política.

Os seus escritos tinham uma feição alegre, moderna e elegante, mas peccavam ás vezes por uns certos ressaibos de mordacidade caustica e incomoda.

Durante algum tempo, o moço escriptor viveu só das lettras, mas vivem uma vida difícil, porque, como é sabido, as lettras em Portugal não são para nadie. E elle, sentindo-se com opções e actividade para o trabalho, queria ver esse trabalho compensado, de forma a poder gozar uma existencia mais desfogada e mais tranquilla. Morreu por esse tempo Guilherme d'Azevedo, correspondente em Paris da *Gazeta da Notícias* do Rio de Janeiro. Pina cubri-

cou o cargo vacante. Pinheiro Chagas intercedeu a favor d'esta pretenção, e a vaga foi preenchida conforme os desejos d'ambas.

Os jornaes de Lisboa começaram a transcrever os correspondentes do moço jornalista, encorajando-as, e a cotação literaria de Mariano Pina, já bastante elevada, subiu a olhos vistos. Em Paris ha muito que ver, e elle sabia contar, leirindo sempre a nota precisa.

Um bello dia, o seu nome apareceu-nos na capa d'um magnifico jornal português, impresso e publicado em Paris — a *Ilustração*, que rivaliza com os suas congêneres francesas. Mariano Pina arvorou-se em director d'essa excelente publicação, firmando crônicas por vezes brilhantes.

Nalgumas d'essas crônicas, falla com menos justeza do Portugal e dos portugueses, mercendo por tal motivo as reprimendas azadas dos que foram seus mestres.

Mas elle não faz caso do desafios, e vai perdendo, e segue seu caminho, gostando do *réclame* que lhe fazem com as réplicas, subindo-lhe bem o ser discutido a tantas loquias de distancia.

Para deslasso, abandona ás vezes a pose e a pena de redactor em chefe da *Ilustração*, aggregatede a qualquer notabilidade artística que venha em torno a Portugal e Espanha. — Coqueirin,

A TRAVÉZ DE PARIS

Symposas eleitorais. — Um bacio. — O casal du Riquet-Chatrian. — Um general ultramarino. — O general para que nos queremos. — Os annais da somonaria. — Os teatrosc e a Exposição. — Mahomet e a combairada turca.

A FEBRE electoral que se apoderou de Paris nestes últimos dias manifestou-se pelo aparecimento na epidemia da grande cidade, de uma quantidade fabulosa de nodos de cores vivissimas e de dimensões variaveis, que são o syntoma habitual desse género de enfermidades.

Essas nodos não são apenas vermelhas como a escarlatina, antes oferecem o mais variegado aspecto. Ha-as verdes, azuis, amarelas, castanhas, roxas, de todos os tons e de todos os matizes, e o seu numero aumenta dia por dia dia n'uma progressão que permite seguir a crescente intensidade do morbo. A doente entretanto conserva a sua natural alegría e não revelam ainda um vislumbre sequer de delírio. Parece até divertir-se imenso com a sua extravagante enfermidade e, segundo nos afirmam, manifesta a esperança que oxalá não seja infundada, de que um severo regime hydroterapéutico a desembocará dentro em breve da erupção polychroma que actualmente a afflige.

Segundo os homens de scienzia, o em virtude de mais uma applicação das theorias pastuerianas, a referida erupção tem por origem um microbio (sempre elle), mas um microbio especial que na barbara nomenclatura pathologica responde (?) ao nome de *bacillo-cartazeiro*. Este micro-organismo affecta varias formas e fisticos, desde a virgula de Koch ate as mais vagas reticencias, e caracteriza-se sobretudo pela singular faculdade de segregar uma substancia viscosa muito similar no grade, a qual, depositada nas esquinas dos predios, determina, além d'uma viva comichão, o apparecimento das taes nodos multicolores que dão hoje a essa cidade de ordinario tão correcta um aspecto carnavalesco e arlequinal.

O bacillo cartazeiro opera a maior parte d'essas vezes em grupos compactos — ou *cônjuntas*. Quando dois d'estes grupos se encontram, travam-se entre elles batallu renhida de que resulta um acrescimo de inflamação. As nodos sobrepõem-se umas ás outras e outrase o grande corre a jorro.

O referido bacillo possue um amor proprio profissional extremamente irritavel. Todo o seu empenho é produzir o maior numero de manchas possivel e ao mesmo tempo anular as que produz o seu rival da mesma especie. Nada respeita e nenhum local lhe é vedado para o exercicio da sua acrididade. Hotel, palacios, monumentos, obres d'arte, nada escapa á furia do hediondo animaljo. O grupo da dança de Carpesux, no perystilo da Opera, já maculado pelo tinteiro vingador d'um Prudhomme que a tentadora nudez das musas indignara, apareceu ha dias sarapintado de amarelo e verde e a escorrer de colla. O bacillo passara por lá sujando-o com a sua baba hedionda.

VILLIERS DE L'ISLE-ADAM.



Sarah Bernhardt — faz-se seu secretario, e surge-nos ali, sorriso triunfador nos babios, hábito de Christo na boteria, a receber os abraços de velhos amigos, a contar casos de mundanas celebres questionadas por principes russos.

Agora, Mariano Pina aparece-nos fazendo parte do Comitê da Exposição portugueza em Paris, na qualidade de secretario.

Segundo nos afirmam, o nosso prestimoso collega foi um dos que mais trabalharam para o bom exito d'essa Exposição, pondo inteiramente a sua actividade e a sua inteligencia ao serviço de Portugal.

Este rasgo de dedicação patriótica redime-o das descomposturas que tem pregado nas coisas portuguezas.

Nas coisas e nas pessoas.

(*Diário Ilustrado*, 1.^o de setembro 1880.)



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — GRANDE GALERIA CENTRAL (GALERIE D'HONNEUR) DO PALÁCIO DO CAMPOL DE MARTE.

A medida que se approximava o dia em que a doença deve fazer crise, a raiva dos animais aumentava. Sentiam que se lhe approximava o fim e tornavam-se ferozes como os micos nos primeiros frios de inverno. Vemiam ralar por toda a parte, travando entre si desordens medonhas, durante as quais se aspiravam de grande, tentando reciprocamente mordiscar o nariz — se é que os bacilos possuem nariz.

Não é provável que antes do dia 30, consagreado às eleições de desempate, possamos ver esta gentil cidadão livre de tão odioso domo. Os nossos compatriotas que vlerem visitar a Exposição n'este intervallo e que regressarem à pátria antes do dia da grande barreira, levarão de certo para Cannstatt e para Chão de Maçãs a visão d'um Paris estranho, sarapintado funabreto, que nada tem de commun com o nosso amado Paris tal como elle é. E de certo irão difundir no boticaria asseverar no regedor que em matéria de limpeza e de aseo a capital do mundo está com furos abaixo do Carregado... e até mesmo de Lisboa!

Não se pode dizer que fosse uma das qualidades fecundas do séculu' esta que acaba de faltar, se nos recusarmos a encarar como um acontecimento considerável o rompimento da colaboração de Erckmann-Chatrien. Estes dois franceses da literatura cortaram o seu cordão umbílico e estão em véspera de se dizer coisas pontecadas pelo orgão de dois râbulos. Tocante espectáculo! A mim tutto se me dá, et a et mostrasse pelo conterio d'uma esterilidade votos? Erckmann accusa Chatrien de ter desesperado em tudo quando diz respeito a apressadamente em Phalsbourg, a menos que não sejam o contrario. Eu não sei, confundido os dois. previsão do enorme público fluctuante que dos livros também um relles quedaria destinheiros. Ao que parece um d'elles, Chatrien [salvo se for parisiense], emprezarios e autores se arruínam em gastos propositados de luxo e imaginação, e que o anno de 1889 veria um exemplo da sede de obras primas brotar das secas

Potau!, que tinha o dente agudo, chamava a responsáveis dos países de Paris! Em vez disso, se estes dois amadores de choucroute, *Les Hommères du fratre*. Tinha a sua obra designada, mas excepcionave, um desastre, e o *Héritage Sol*, uma magia, que vêmos nós? As não som merecimento, prega os horrores da guerra, pinta os carregões, e as feridas medonhas, os aspectos das ambulâncias, todo o reverso sinistro das batalhas. E em oposição, quem melhor que elles exprimiu os prazeres da bousifaille, as grandes comedias, e a paucifica glória das choppas coroadas de espuma, San dono burgueses paçucados e comilões, que o philosophos através de fumigas de cachaço, os põe à lareira. Nunca ninguém com mais tranquila consciencia fez a apologia de paixões e ensinou em tragos mais firmes a uma geração que se formou para a guerra, a arte de dar ás de Villa Diego. Houve um tempo, logo depois de 1871/1872 que esta nota humanitária atinava com o estado de espírito geral. A França, ansiosa de paz, leu avidamente esses livros que ingeniosamente exprimiam o instintivo paixão das batalhas; mas quando lhe começaram a crescer de novo o bico e as unhas, o velho gallo gaule compreendendo que o que essa literatura exaltava não era a paz, era o mal, e atirou-lhe com desdém.

Para se lhes fazer inteiro justiça, convém dizer que um dia em que estavam sem dúvida distraídos Erckmann-Chatrien iam descobrir uma obra-prima — *O amigo Friti*. Infelizmente numas matas se repeteu esse momento de distração.

Tivemos um congresso de bombeiros e de bombeiros, s'il vous plaît, acerco das quais graxou a previsiña facecia de que em vez de extinguir incêndios lhes seria bem mais fácil suscitá-los! Hein! Como é regreçado! Vivemos, meus senhores, em tempos bem galantes.

Mas o mais curioso desse congresso foi sem dúvida o dos que reclamavam a veracidade obri-gatoria, pelo meio infallivel da abolição da vacina! Este congresso chamava-se modestamente científico. Zuge mi ja, como dizia o marseillês, se elle não fosse científico.

Mas que pragá de congressos! Aos quanto e nos cinco por dia, sobre todos as coisas mesmo as mais extravagantes. O que vale é que a gente só sabe da existencia d'elles, depois de se encorvarem — pelos jornais. Mas apezar d'ista, é crispante.

Outra coisa igualmente insopportante — o alhôom do Pígaro na torre Eiffel. Ah! se o poète Flaubert vivesse, a que pantomimas de tragica indignation se não entregariam as mangas da sua lendaria robe de chambre em face d'esse registro da estupidez universal e cosmopolita. Esse ólbum poderia intitularse *Toda a lyra*. Mas que admirável document! Imaginum um estudo assim intitulado — Da sensaboria em todias as razas e em todos os povos! A sensaboria do Chêf! A sensaboria das ilhas Maurícias! Corisco se sensaboria em Caracas! Não ha aqui uma mina de tristes e de observações? E não existem porventura todos os elementos d'esse curioso livro no ólbum da torre Eiffel?

De resto eu estou persuadido que a altitude inútil bastante no esfalto do espirito dos visitantes da torre Eiffel e que elle basta por si só a explicar a depressão intellectual que o tal religioso testemunha. Ou digam-me não: é nas montanhas que existem os cretinos? Alors...

Este Exposition tão brillante, tão superior a quanta a teem precedido, apresenta com tudo uma particularidade notável — não presta dizer um único obra teatral dignade aplauso. Quatro cantos de horizontes ia affluir à grande Ao que parece um d'elles, Chatrien [salvo se for parisiense], emprezarios e autores se arruínam em gastos propositados de luxo e imaginação, e que o anno de 1889 veria um exemplo da sede de obras primas brotar das secas

do seculo de obras primas brotar das secas responsáveis dos países de Paris! Em vez disso, se estes dois amadores de choucroute, *Les Hommères du fratre*. Tinha a sua obra designada, mas excepcionave, um desastre, e o *Héritage Sol*, uma magia, que vêmos nós? As não som merecimento, prega os horrores da guerra, pinta os carregões, e as feridas medonhas, os aspectos das ambulâncias, todo o reverso sinistro das batalhas. E em oposição, quem melhor que elles exprimiu os prazeres da bousifaille, as grandes comedias, e a paucifica glória das choppas coroadas de espuma, San dono burgueses paçucados e comilões, que o philosophos através de fumigas de cachaço, os põe à lareira. Nunca ninguém com mais tranquila consciencia fez a apologia de paixões e ensinou em tragos mais firmes a uma geração que se formou para a guerra, a arte de dar ás de Villa Diego. Houve um tempo, logo depois de 1871/1872 que esta nota humanitária atinava com o estado de espírito geral. A França, ansiosa de paz, leu avidamente esses livros que ingeniosamente exprimiam o instintivo paixão das batalhas; mas quando lhe começaram a crescer de novo o bico e as unhas, o velho gallo gaule compreendendo que o que essa literatura exaltava não era a paz, era o mal, e atirou-lhe com desdém.

Para se lhes fazer inteiro justiça, convém dizer que um dia em que estavam sem dúvida distraídos Erckmann-Chatrien iam descobrir uma obra-prima — *O amigo Friti*. Infelizmente numas matas se repeteu esse momento de distração.

Tivemos um congresso de bombeiros e de bombeiros, s'il vous plaît, acerco das quais graxou a previsiña facecia de que em vez de extinguir incêndios lhes seria bem mais fácil suscitá-los! Hein! Como é regreçado! Vivemos, meus senhores, em tempos bem galantes.

Mas o mais curioso desse congresso foi sem dúvida o dos que reclamavam a veracidade obri-gatoria, pelo meio infallivel da abolição da vacina! Este congresso chamava-se modestamente científico. Zuge mi ja, como dizia o marseillês, se elle não fosse científico.

Entretanto é de justiça anunciar o aparecimento proximo de duas grandes obras

literarias, a *Luta pela Vida de Daudet e o Mahomet de Henri Bornier*.

Acresce da primeira, apesar do calor que tem feito nestes últimos dias, pouco tem transpirado; em compensação chegou-me aos ouvidos, com relação a peça de Bornier, um incidente engraçadissimo que lhes vou contar.

Como sabem, Bornier é o eterno pretendente a um *fauteuil* academico: ha dez annos que o seu nome figura em todas as eleições sem lograr exceder um exiguo numero de votos, sempre os mesmos, que no segundo escrutínio desertam invariavelmente para irem decidir da victoria em favor d'um rival.

Mahomet constitue o dernadairo esforço, o ultimo alvão do poète pretendente para se introduzir n'essa paraizo especial em que o sr. de Lessaps é uma huri. O propheta a que devemos o Alcorão e as babouches o protagonista dos cinco ponderosos actos em verso que a *Comédie Française* anda lentamente ensaiando ha meses. Ouvi o encarregado de negocios da Turquia veio a saber não sei por que canal — mas de certo não foi pelo Suez — que o heroe do sr. de Bornier, possuidor de quinze metades, se assim me é licito exprimirme contra todas as leis d'aritmética, era logo no 1.º acto, por uma delhas e como de razão pela mais bonita, feito... como é que eu hei de dizer isto. Oh, Mallibè, acorde-me! A mim, Paul de Kock! *Amélie* pamplumas sgarralhudo, e não faltam mais nisso.

Quando o sultão que se tem na conta de descendente directo do Profeta, foi informado pelo diplomata turco de particularidade tão desagradável para a sua respetiva familia; e em Particular para o seu illustre avô, experimentou um abalo tão profundo que se deixou cahir, segundo o revoltou depois um galo visir, sobre uma ottomanal.

O encarregado turco foi logo em seguida encarregado de fazer, em nome da Sublime Porte, representações amigáveis ao governo francês e d'esta intervenção diplomática resultavam que parece modificações profundas no *parte* do protagonista. O sr. de Bornier, que é um homem muito amavel, declarou desde logo que não fazia questão de que Mahomet fosse... combatido, como se diz nos *Edits do Gihâd*, logo no 1.º acto. De comum acordo, o... accidente foi adiado para o final da peça. Mahomet não ficou menos... infeliz, mas vem a sel-o mais tarde. Sempre ganha algumas horas de *lulu*.

Eis como se resolveu este grave conflito que ameaçava ficar na historia das nações como o *Pen'a'1*.

GIESSE.



PROTESTO D'ALGUEM

Com este titulo acaba de publicar Gonçalves Leal, o poeta das *Claridades do Sul*, um folheto em verso, a respeito do atentado contra S. M. o imperador do Brasil.

Desse poema destaco hoje algumas das suas melhores estrofes:

Quem é que matou um velho?... O mundo novo tanto o acusa perduo juri Velhice que a não responde no rei do povo nem no trono das rocas? — Quem diz? Quem disse?

Quem é, pais, a tigresa fúria moderna, Musa da Vingança, que escracha agora a graça feminina, na cia do velho, e o riso da criança?... Digam qual dos nossos serve alheia que almeja sangue? — Se um lobo, é certo eu o assediei fabula encosta o leão moribundo no deserto...

Se acaso, do meu lado,
algum tocassem nos cabellos teus,
eu dar-ia-hia o meu braço, Velho honrado,
e iria contra o sangue e contra os meus...
Influiu sobre o braço parricida,
que maru um homem do sepulcro à bela,
prestes quasi a vir par o sol da vida...
deixar seu negro, e a sombra da palmeira!

Vergonha sobre o fronte
de quem, de fúca ou de clávia, vas-
tará, como à fera que era a morte,
como a um lobo curval... a um velho pele!
E tu tens sido pai de pequeninos,
transido, ao silvo da lufada, e é chua...
Tens sido lux e sol de peregrinos,
bordão do triste, capa de viúva.

Não se mata quem tanto
amou fracos e heróis, presso postas!
— Morre em paz, morre em paz, ó velho santo!
— Crianças! Ide, enchei-o de violas.
Morre sorrindo, em paz, olhando os brilhos
do sol nas palmas semelhando lâncias...
morte em paz, entre os braços de teus filhos,
morre em paz, a buljarinda as crianças...

Morre em paz, bom amigo
das poeira, heróis, e das cantoras!
Creaça a palma e a oliveira cim' teu jazigo.
Por entre florescidas que plantem flores.
O português, — o arrotendor constante
dos teus serões, n'uma labuta lisonja,
e a quem dás, como a liso cumprimento,
o sal amargo e a tenda na savana,

Aquelle que o trabalho
crústa e broxaria uns remotos plágias,
protesta que haja crime, embora falho,
que enrollo em sangue o seu suor em bagas.
E teu povo infantil, lucivo povo,
que selama e sonha em regiões distantes,
n'esse mundo atlético Indiana nova,
que semelha payasgos de gigantes.

Ela, a quem a secreta
saia da alma empurra para a frense...
ver-te-ha morrer feliz, — como a poeta,
que quis mais sol, para morrer contente.
E tu, minha alma, onde o ideal flêncera
da paz universal, que lenta vem...
malha o sangue em que escabuja a Guerra,
chacuzia a glória que dahi provém.

Como um balho que estoirá
exípia o ventre d'essa dama Glória.
Lavemos em barreira duradoura
Novena e trez, esse berrão da História.

E, agora, que eu ergui bem alto o braço
contra o sangue que enlava, que envildece...
Perdão, Senhor, para esse desvalido,
a quem a dor crúcia, e amarelouce,

Tem vinte annos, afomei!...
E' o inssino infeliz! Perdeu e não!
Não é completo quem não é clemente.
— Perdão, Senhor, perdão para o assassino,
Talvez que o pae, a contorcer os braços,
vacejado do raio que calou;
obria de dár, encalhando os passos,
sinto correr as lagrimas em dlo...
.

Quem não sabe, no rosto,
como embrasa a lagrima que cae,
quando nos sangra a paa d'um desgosto!...
— Perdão, Senhor, perdão, para esse pae.
Talvez que, longe, a sua noiva amada
soluce e chore, á brance lamparina,
e a triste mãe, a triste mãe, varada,
se dobre, como à chuva a cascalhão...

Seu lívido semblante
de certo os prantos o desbotam bem!...
— Perdão, Senhor, um nome d'essa amante.
— Perdão, Senhor, um nome d'essa mãe.

GOMES LEAL.

TSARINE PÓ DE ARROZ RUSSO
Aromatizado, Soavissimo, Indistintivo
PREPARADA POR VIXELLET
29, Boulevard italiano, PARIS.



A REVISTA DAS REVISTAS

Uma estatua a Garrett.

Um belo artigo das *Novidades* do mês d'agosto findo (artigo que sentimos não ter agora à vista para dar d'ele alguns extractos aos nossos leitores) dáceria da obra literária do visconde d'Almeida Garrett e da ingratidão da posteridade que ainda lhe não soube erigir uma estatua, — despertou no Atheneu Commercial do Porto a patriótica ideia de abrir uma subscrição em Portugal e no Brasil, para se levantar uma estatua ao autor do *Frei Luiz de Sousa*.

Applaudindo a iniciativa do Atheneu Commercial, escrevem as *Novidades* de 31º agosto findo:

O artigo que ha dias publicámos, pedindo que se levantasse no país uma estatua ao visconde d'Almeida Garrett — que, depois de Camões, é o mais insigne poeta português — encontrou um echo sympathico na cidade do Porto.

Não podia deixar de ser.

Foi ali que nasceu o immortal actor do *Frei Luiz de Sousa*; e, para comemorar esse facto, que a sua gloria para aquela heroica cidade, apenas existe uma lápide na casa em que o poeta viveu, à rua do Calvário.

Pra um homem da estatura de Garrett é pequenizo sim homenagem aquella lapide.

Atisida Garrett foi um soldado destinado, e combateu e sofreu pela liberdade; foi um orador parlamentar, e a sua palavra ardente e brillante defendeu sempre os grandes princípios; foi um poeta, e cantou em versos plenáriosa o canção dos *Lusitanos*; foi romancista; foi chronicaria; foi um dramaturgo inigualável valor, que se chamou o *Frei Luiz de Sousa*, o *Auto de Gil Vicente*, o *Alfageme de Santarem*.

Deveria ser o teatro, onde a gloria do seu nome se conservaria mais viva e mais fulgurante, não sucedeu infelizmente assim!

Os nossos actores, que representam as tragédias de Shakespeare, não se atrevem a representar os dramas de Garrett. Vêm como os grandes tragicos estrangeiros interpretam os personagens do teatro inglês, e reproduzem os com mais ou menos felicidade; mas falta-lhes o talento para dar um vulto e vida aos personagens do teatro nacional.

Assim, a fama de Almeida Garrett desapareceu de todo o il, como desapareceu a fama dos grandes cantores, cuja gloria de todo se apaga no mesmo instante em que a voz de todo se lhes extingue!

* * *

A *ILLUSTRAÇÃO* segue também o exemplo dos seus colegas de Lisboa, e abre nas suas colunas uma subscrição para que se possa levantar no Porto uma estatua ao visconde d'Almeida Garrett.

Convida todos os seus assinantes e leitores a concorrerem para esta divida de gratidão a um dos espíritos mais notáveis do nosso seculo.

A Redação da *ILLUSTRAÇÃO* . . . 1000 reis

Por causa d'um cão.

Publicámos em seguida a curiosa carta que Ramalho Ortigão enviou às *Novidades* de Lisboa acerca da sua prisão, e dos tormentos que passaram na capital alguns estrangeiros seus amigos que seguiriam viagem bordo do *Orenaque* para a América do sul:

Meu caro Alberto Braga — O incidente policial, que me diz respeito e a que hontem alladiu um artigo das *Novidades*, não teria evidentemente importânia alguma, porante a atingir do público, se o não revalessem algumas circunstâncias de interesse geral, que peço licença para referir, sem todavia me querer. Descriverei, unicamente,

Eis aqui os factos:

Entre os passageiros do *Orenaque*, saído de Bordon para Buenos Ayres com escala na Europa, pelas portas da Corunha, de Vigo e de Lisboa, havia um grupo de amigas, constituído por três senhoras de Paris, trois franceses, um brasileiro, um cão, e este seu criado, go-

que me refiro para a exactidão numerica, mas que ponto fôr de conta para todos os demais effets.

As senhoras eram das mais sympatheticas, das mais espirituosas e das mais elegantes. Os homens eram os mais intelligentes, os mais instruidos, os mais alegres companheiros. O cão, podendo, de largo pelo cinzento praticado, adornado de uma coleira de ouro, era um dinâmeno e sobre tipo da mais alta raza inglesa.

Saihemos juntos em todos os partos da escala, e fizemos uma viagem encantadora.

Em Vigo o lindo mercado antigo, só ir livre, entre velhos edifícios em arcoa, de janelas semi-abertas, sobre dois terraços em soculo, tripudava alegremente d'uma jovialidade matinal, resplandecente de flores, de frutos e de legumes, minuciosamente aplicada pela pulpação viva dos lençóis, vacacadas e emroladas das hortaliças palegas.

No Corunha, sob a umbrosa e exuberante alameda, à beira das águas da baixa calma e azul, um pitoresco e confortável restaurante, aberto por todos os lados em gelosias verdes, circundadas de rosários em ló, servia-nos um almoço optimo, composto de ameijolas enormes, costelinhas de anho e servotes de limão. Pouco depois a musica d'um regimento veio tocar para esbácia das velhas arvores. A alameda e o jardim contíguo, ao longo da agua, povaram-se então de senhoras e de meninos, que vinham andar de velocípede ou montar os cavilhos de p'ra um carruelo. Ao sol posto, na suavidade crepuscular, voltámos pra bordo na bole esfogado de rosas chã e de cravos valencianos. E, na bancada da ré, estreitamente sentados, cingidos a homem com homem, olhâmos callados e saudosos a doce curva da baixa, a ria marulhosa e mansa, e a linda e modesta cidade branca, onde provavelmente nemhum de nós voltaria, e onde tolevia íntimamente visto, obscuramente latejante, a mais intelligente comprehensão da vida civilizada.

Em Lisboa desembocaram nenhos passageiros do *Orenaque* que em Vigo e na Corunha! Um secreto presentimento de mau agio retraiu o viajante na presença da capital portuguesa. Um dos nossos companheiros de bordo, que fez quatorze viagens a travessia do Oceano, tinha-nos dito de *esperar*! Não viva a Lisboa; n'essa terra succede invariavelmente a todo o estranheiro uma coisa dolorosa, ou uma coisa ridícula!

Mas os meus amaveis amigos, surdos a esse aviso, insistiram em me acompanhar até à porta; e da sete horas e meia da manhã desembocávamos no Terreiro do Paço, pela porta da alfândega, ou oito de bando e o nosso respectiva elo, seguirmos envolto no mais nauseante cheiro que jamais a canalização de Lisboa enviou ao primeiro encontro d'aqueles que a visitam!

Tomámos duas carruagens descobertas, e fomos-nos transportar à praça da Figueira. Não tínhamos tempo que perder porque o *Orenaque* prosseguiu as suas horas. Como estavam ainda fechados os grandes cambistas da rua dos Capelinhos, trocámos algumas luizes nas casas dos negociantes de cauteis da loteria, os quais nos fizeram pagar dois francos de premio no troco de cada lira de oito por prata portuguesa!

Na praça da Figueira mandei meter n'um pequeno cabuz quatro kilos de uvas para oferecer às nossas amigas; a vendedora exigiu-me 400 réis por cada kilo, que lhe paguei, ou seja quatro vezes mais do que o preço corrente!

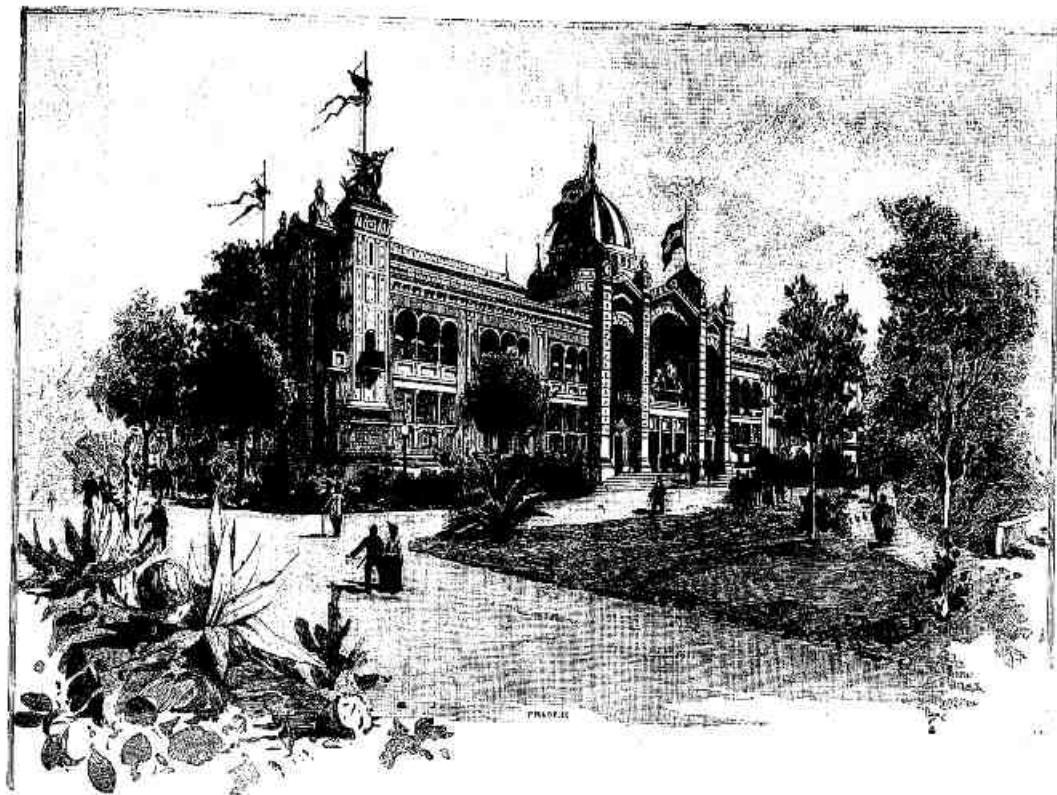
Da praça da Figueira vimos ao hotel Central, onde os cocheiros me exigiram oitocentos réis por carruagem com meia hora de serviço, ou seja mais do dobro da tarifa! Paguei.

Em seguida, em quanto nos preparamos de almoçar no hotel Central, deliberámos tomar o tramway para um pequeno passeio no Aterro. Mas no pagar os bilhetes, o condutor, vendo que o meu amigo Combelle tem o seu cão sobre os joelhos, intimou-nos a deixar falar o cão, ou a sair. Terror geral de todos os mais companheiros que, sem entenderem o que se diz, presentem pôr obstar colérico do condutor e pela mirada discussão com elle que se trata d'um conflito de que elles são objecto. O condutor, captado pelas minhas supplicas, chegou assim a um acordo, e consentiu que o cão prosiguisse, mas escondido das vistas do público e das autoridades. Uma das nossas amigas presta-nos para a traîno de que se trata o seu *Mac-Farland*. Enrolaram o animal, cingimelo com duas correias e para completar o desfarce adicionámos à trouxa uma bengala e um guarda-sol. O cão, preferindo evidentemente o cheiro do Aterro que infusa a atmosphera, o cheiro de pele de Espanha de que está perfumado o *Mac-Farland*, olha-nos agradecido por uma frincha e adormece no seu escandalo.

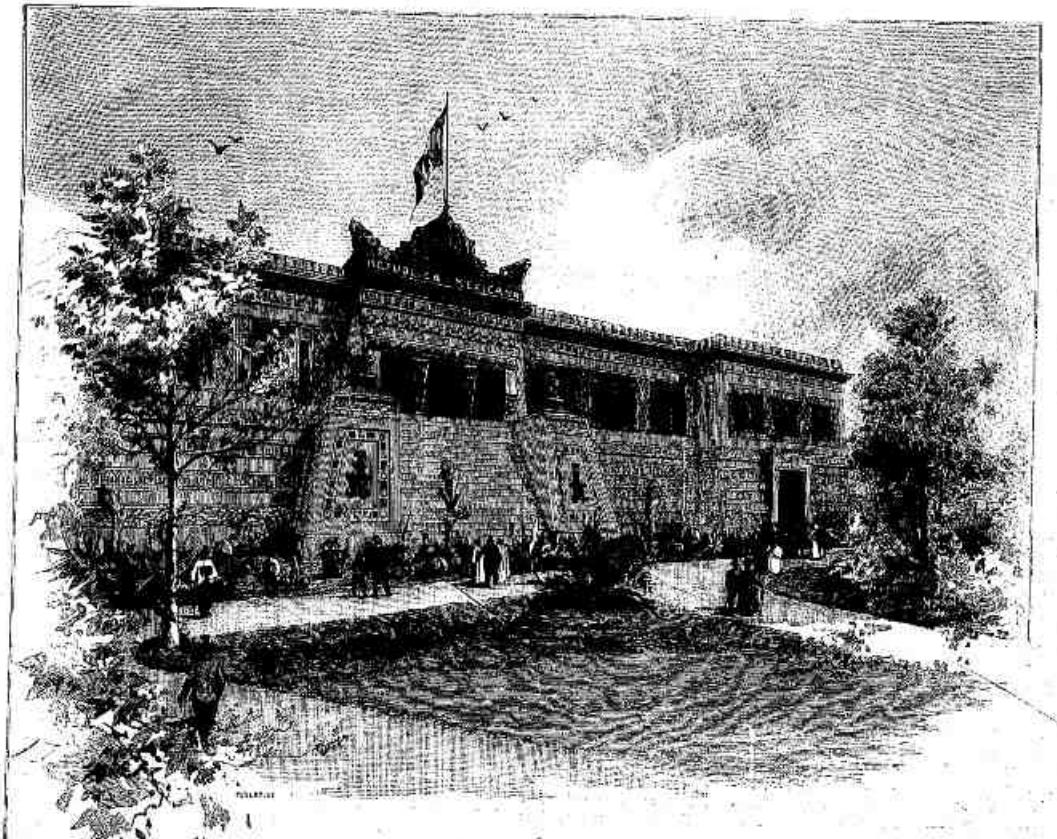
Não tendo a fortuna de poder fazer outro tanto, a poeira feita da estrada não regada nem varrida, invadiu-nos pelos olhos, pela boca e pelo nariz. Uma das amigas tem mauscas. Apedinhos todos e regressámos a pé com o cão à traîno.



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — O PAGODE ANASITA, CHAMADO PA *Grande Tranquillidade*. — UMA CERIMÔNIA RELIGIOSA.



O PALÁCIO DA REPÚBLICA ARGENTINA



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — O PALÁCIO DO MÉXICO.

Atrevessamos o jardim em que está a estância do Marquez de São, quando repentinamente nos surpreendeu o latido alegre do pobre cão que vivia escondido no ar, da cabeça para baixo, suspenso da cauda por um homem que corre, em mangas da camisa. Combelles, que tem músculos magníficos, admiravelmente educados na guerra e na prática das artes de armas, arrebatou a bengala d'um compenheiro, e, lívida, rangendo os dentes, abanou dizendo:

Tu en aurais pour tes deux bras canives, h... de che... nepr!

Eu corro também, chego primeiro, seguro o homem em mangas da camisa e inílio-o a entregar-nos imediatamente o cão que não sal como se soltou da truta, e que elle preste arrojar para dentro d'uma carroça.

O homem em mangas da camisa declarou-me então que é um funcionário público, que é um agente da autoridade; que tem ordens! — Só avançar! — disse elle, e que o cão lhe pode ser restituído depois de apresentar o recibo da multa e a libraga.

Imaginava-se esta situação? O Orroque vai parir um milha. Combelles não parte sem o cão. Só pela violência se pôde resolver este problema. Tanto os últimos recursos persuasivos antes de empregar a força, e procurar avisar um cartuço para a fuga. Combelles, perdido de cólera, supplicava-me que o deixe rebentar aquelle homem entre dois muros e fugir a nado com o cão para bordo do paquete. Mas afiava acudiram correndo dois polícias e eu sou presto com o meu amigo.

Apelavam então para um supremo esforço: pagar a multa e a fiança dentro de trinta minutos! Suplicavam a um viamundo que nos procure uma carroça de cavalos. Iléglis que veio a encontrar-nos no caminho, e no entanto cumpremos a desfida para a Abegaoria, inclaudos pelos dois polícias que carregam igualmente segurando o terço.

Os nossos amigos, que não tiveram tempo de prever-nos, procuraram seguir-nos internos de nos verem empolgados pela polícia; mas perdemos a pista no Aireto junto da Abegaoria, em que nós entramos pela porta do mar, saindo pela porta do lado oposto.

O empregado que encontrámos — deixa sózinho — não os mais diligentes, os mais solícitos, os mais obsequiosos. Compraram-nos toda a embaideira do absurdo de que somos vítimas, e propõem-nos todas as afeições compatíveis com a brutalidade das instituições. Uma carroça velha constituiu-nos da Abegaoria à repartição das multas à camara municipal, e da camara municipal à ponte dos vapores, sendo acompanhados por um funcionário encarregado de levar o cão em depósito e de o depor à bordo.

Abançame como prometi, meu caro amigo, de tudo a especie de comentários.

Ao separarmo-nos na ponte dos vapores, os meus amigos, todos mais doces, de sol, de mau cheiro, de indigo e de café, davam-nos com o ultimo abraço rendendo onda em quinto: em França no Rio de Janeiro em Huences Ayres, no Sogno, na Patagonia, em qualquer parte, menos em Lisboa, emplano Lisboa, adiante da ser, como si, um pestilente fogo de infecção atmosférica, de estupidez na administração e de rapazia a mais obscura das cidades gallegas, procurando assimilar na civilização futura um logar ao nível do que é hoje, por exemplo, Rudondes.

Adaus, Alberto Braga escreve-lhe estas linhas em vez de ler personalmente narrar-lho o caso, porque estou em casa, em dicto, tomando pitiful anti-diárias e bebendo limonada sulfurea! E assim todas as vezes que regresso à pátria. Caisa triata! não tenho nunca o onjão, do mar, e tenho sempre o da minha terra!

Seu carago
RAMALHO ORTIGÃO.

A surpresa que tinha causado a notícia da prisão de Ramalho Ortigão, seguiu-se a indignação de vários patriotas, que não querendo compreender a justa irritação do ilustre escritor pela triste aventura, se permitiram o luxo de recortar facetas sobre a carta de Ramalho, chegando um d'elles ao extremo mau posto de assignar a sua calígrafia Ramalho Ortigão, enquanto outro se assignava *Um inimigo das cães*.

Estas duas cartas apareceram nas colunas do *Dia*. E elles não só se não recomendam porque são pobres d'espirito e poderes de argumentos, mas ainda menos se recomendam por que são anonymas. Porque nadie ha de meaço sympathetic que as caliginosas ou as críticas anonymas.

O sr. Ramalho Ortigão escreveu o seu nome com todas as letras, por debaixo do seu relatório. Parece-nos da mais rudimentar polidez responder ao sr. Ramalho Ortigão com um nome verdadeiro. No caso contrario, o pseudonymo significa que não

ha confiança na resposta; ou que não se deseja tomar a responsabilidade do que se escreveu; ou que a pessoa sem a mascara do pseudonymo tem talvez a opiniao contraria; ou que o autor tem a certeza que o seu nome verdadeiro não é tomado a sério, e n'esse caso o pseudonymo deixa no espirito do leitor a duvida de que estu diante d'um grande homem.

O inimigo das cães diz no sr. Ramalho que elle toria evitado as aventuras; i dizendo Mr. de Combelles que deixasse o podengo a bordo ou que o não soltasse da truta! O que Mr. de Combelles não poderia estranhar, porque em Paris, se sair à rua com o cão descalço, cae-lhe logo à perna a policia, *

Por este erro se vê o valor da resposta e dos argumentos. Em Paris todos os cães andam à solta. E só não andam à solta em certos jardins fechados como no parque Monceau ou no jardim das Plantas. Nos outros grandes jardins como as Tulherias e o Luxemburgo os cães andam à solta, assim como em todas as ruas e boulevards de Paris.

Nesta questão quem exprimiu o verdadeiro homen tenso foi o *Diário de Notícias* que consagrado a este caso o seu artigo do fundo, do qual extractamos os seguintes perflos:

Li aqui tem-se censurado mais de uma vez a manica como se procede à apunhal das cães valiosos. A medida é indispensável, mas o modo como elle se realiza é que nem parece repreensível, porque a maior parte dos cães é vexatório. Não se tem em vista a segurança publica; o que se tem em vista, principalmente, é a multa. Parece que se apânta de preferencia o cão de exima que se apânta apanhado os dois mil réis.

Foi isto o que sucedeu com Ramalho Ortigão e é esta circunstancia, vilmente interessante, que não podemos deixar de verberar. A grosseria do processo, a grossaria intransigencia do empregado encarregado do cão executivo, da de haver de certo um regulamento para este serviço, e canta a crer que n'ella não se exarassam alguma instruções para casos especiais, como aquelle a que nos referimos. É deplorável semelhante esquema.

Viu a polícia em auxilio do homem da camara, e longe de resolver satisfatoriamente a pendencia não conseguiu senão agravá-la. Que tempo se não fará perder e que sensibilidade se não fiziam passar, tudo por causa da multa! Exigiam o dinheiro, mas ao menos evitavam o transtorno que causaram, e evitavam sobre todo o espectáculo repugnante, a que fizeram forradamente de assistar alguns furiosos que nos visitavam.

E isto o que mais nos indigna e magoa. Parece-nos os nossos hábitos uma causa insignificante, naturalmente talvez, mas causa uma impressão de redio e de tristeza. Vemos a anatilidade com que a França está recebendo todos os estrangeiros, e nem esse exemplo não serve de lição! A indole do nosso povo é boa, mas a educação é má. Somos uns bisabolhos, e qualquer dia não faltará quem paga que se levante uma muralha de China e que vivamos completamente separados do resto da civilização e do convívio dos outros povos.

Paria explora o estrangeiro, mas ziba explorar o de modo que ainda se lhe fica em agradecimento. Nós temos o preconceito de que cosa exploração consiste em tirar deles logo violentamente o maximo lucro possivel. Sómos como o avançado, que, mal a gallinha que lhe punha as ovos de ouro. E como se este preconceito não fosse bastante, vem a polícia e aggravá-lo com os seus processos indelicados, que obrigan os visitantes a fazer de nós o peior contacto e a passar a palavrão aos outros, incutindo à entrada do nosso formidabilissimo porto a terrível inscripção de Dante.

Ora não só somos positivamente um país de selvagens, mas empregamos às vezes esforços para o parecer. A carta de Ramalho Ortigão, escrito n'um momento de justificado medume, exagera por ventura a nossa falta de educação social e internacional, mas o que é triste, por mais desculpa que façamos, é que um escritor português tenha motivo para dizer que nunca cejou, no mais que só lhe causa enjôo a politice da sua terra.

Foi o *Diário de Notícias* que encontrou a verdadeira formula para classificar a questão. — « Nós sómos um país de selvagens, mas empregamos às vezes esforços para o parecer. »

E tanto assim é, que tres dias depois do conflicto com Ramalho Ortigão, — o ilustrado professor José Júlio Rodrigues se vê forçado a esboistar um conductor dos carros Ripert, para o abrigar a ser polido com os passageiros!

Efectivamente Lisboa ainda está longe de ser uma cidade civilizada.

Não são os moradores que o sentem, porque estão todos os dias fazendo concessões e encolhendo os homens a certas arbitrariedades. São os estrangeiros, e os provincianos, de cada vez que chegam à capital.

A polícia, os cacheiros, os vendedores e os hoteleiros, são principalmente os terroristas do estrangeiro que visita Lisboa. E para aqui que se devia voltar a atenção do Governo Civil e da Câmara municipal.

Julgavamo que a questão tivesse ficado por aqui, quando n'uma carta publicada no *Dia*, um outro anonymo vem de novo acusar o sr. Ramalho Ortigão do falta de patriotismo.

Escrive o anonymo explorando a nota patriótica para collocar em meu terreno o sr. Ramalho Ortigão:

Seu redactor. — Os seus correspondentes só tecem visto o lado jocoso da carta do sr. Ramalho Ortigão, mas a verdade é que essa carta também tem um lado serio, que não deve fazer rir ninguém. O espirituoso escritor é muito lido e muito aprovado no Brasil, onde os seus paradoxos são sentidas por muita gente e a sua excentricidade parece superioridade, e quanto elle escreve é lá editado e reeditado, saboreado e comentado, principalmente quando diz mal do seu paiz. Portanto, a extraordinaria epistola publicada nas *Novidades* ha de ter um eco formidável na America. Não haverá papelucu brasileiro que não repita que Lisboa, na opinião dos portuguezes mais ilustrados e esclarecidos, é um foco de infecção e um covil de rapinantes, onde os estrangeiros não podem pôr os pés sem perigo para a saúde, para a bolsa e para a liberdade, e estas calamitas, passando da imprensa do Brasil para a de Buenos-Ayres e de Montevideo, circularão assim por toda a America, cujos passageiros, de dia ou volta tanto convém atribuir ao nosso porto.

O sr. Ramalho poderá dizer que o unico meio de tornar Lisboa atraente para os estrangeiros é construir e extymatizar o que os pode repelir, e que fez isso que ele fez. Mas sunt mundi la rebus. Querelasse do britânicos que apurrou o cão de Combelles, e n'is de todo o serviço da polícia canina, que efectivamente occasioam frequentes reclamações, mas não confundas os desfechos desse serviço ou da falta de criterio d'esse britâmonas, que a capital portuguesa é uma terra de selvagens.

Desculpe-me este desafogo, sr. redactor. Considero muito o talento e o carácter independente do sr. Ramalho, mas também é curioso de ser amigo do meu paiz, — apesar de ter visto muitos outros países, — e quereria que os espíritos superiores que elle ainda produz es emprenhassem em melhorar, — em vez de fazerem gala de o depreciar. Li estive no Brasil, e parecio-me que estou vendo a carta do sr. Ramalho andar de mão em mão, servindo de pretexto a incessante troga que os brasileiros fazem das coisas portuguezas para magoarem os nossos patrios. E como elles se magoam, coitados, e se offendem no seu santo amor patrio!

A esta carta que trazia no fecho tres iniciais — J. F. L. — respondeu do seguinte modo o sr. Ramalho Ortigão, em forma de carta ao sr. António Ennes, redactor do *Dia*:

Exmo sr. redactor do « Dia ». — Tendo o jornal das *Novidades* publicado no seu numero de sábado passado que nesse dia eu fui visto capturado por dois policias em uma rua de Lisboa, tomei a liberdade de me dirigir, por meio d'uma carta, àquele jornal, historiando o acontecimento que elle noticiaria, e consignando os factos seguintes:

1º Que a cidade de Lisboa não cheira bem;
2º Que a falta de polícia nos mercados e nas estações de carregamentos dão em resultado a impunidade na exploração do público pelos cacheiros e pelos regatões;

3º Que o modo como se está fazendo a polícia dos cães é o mais estupidiamente inique, vexatorio e absurdio;

4º e ultimo — Que os hábitos de antiga e viciosa administração local, influindo directamente nos costumes publicos, determinam em Lisboa uma hostilidade ao estrangeiro e uma impiedade para com o hóspede, característica de selvagens, e incompatível com o espírito da internacionalidade, que é hoje em toda a parte a feição predominante das civilizações modernas.

Estes factos, que ainda não vi contestados, julgas nu-
ma, foram por mim enunciados em termos que descrevem a alguma pessoa, e particularmente a v. ex., Lamento vivamente ter provocado esse desgosto, a que
não posso dar lençóis. Cada um escreve como o seu
temperamento manda. Quem escreve segundo o tempe-
ramento dos que tiverem de o aplaudir, não é um escri-
tor, é um hypocrita.

Não caram, porém, que v. ex., o publique no seu numero de hontem, assim podendo pelas iniciativas J. P. L., o des-
contentamento do seu correspondente tradutor, e
criticado, indicarem mais clara, de que Eu sou um falso
doutor paris. Contro uma injustiça tão gravemente offen-
siva do meu carácter e do meu conselho, espero, se re-
solver, que v. ex., me permitisse protestar.

O sr. J. R. L. faz-me a honra imprecocida de dizer
que eu não sou um escriptor obscuro. Se pôr malho-

d'este compromisso elle quer imovelmente significar
que me leu, o sr. J. R. L. deve saber que perante os
factos evidentes que constituem a existência da pri-
meira, — perante a família, perante a Igreja, perante a
religião, perante a arte, perante a tradição histórica,
perante os costumes do povo, e perante os aspectos da
natureza, — outras escriptões meus contemporâneos
teriam visto, tiveram de certo, mais eloquência que ou-
nenhum teve nem mais sincero respeito, nem mais
profundão, mais interesse, igual enternecida empatia. A
violência da critica está sempre na razão do interesse
que os factos suscitam. Por isso a «relisão» de Hor-
des me faz sorri, e o de Lisboa me faz enjor.

Se redactor, negligencia os únicos títulos que podem
avivar na estima dos meus semelhantes a minha
obra tão modesta e tão imperfeita, e seu correspondente
ou nraue me leu, ou gratuitamente me colunaria
nos sentimentos de que mais me ensinariam, e nos

quais principalmemente basco o meu dever de cidadão,
a minha dignidade de artista e a minha honra de escripto-

Urgimento de dar publicidade a estes linhas mu-
chos me obligam a v. ex., a quem tenho a honra de com-
unicar.

Fábio, 30 de agosto de 1880.

Ramalho Orsião.

GRAND HOTEL DU BRÉSIL ET DU PORTUGAL

No centro da Praia, perto da Ópera, dos palácios Glória do
estilo do ferro, da Esplanada das águas cristalinas, lindas
casas, hotel, restaurante, etc. Hotel e restaurante, lindas
fachadas. É o mais luxuoso e elegante palacete vienense, e
por isso que é tanto apreciado de pessoas e famílias que
se alugam.

LAPERINE.

SÁBADO REAL VÉOLET SABAD

THIRDBORN VÉOLET SABAD

REMBRANDT VÉOLET SABAD

VELOUTINE VÉOLET SABAD

Rembrandt para perfumistas novas para a Ópera, à Praia e salões de baile.

VERDADEIRO CRISTAL DE SAÚDE DO DR. FRANCK

Aparticles Expectorantes, Purga-
tivo, Diuréticos, Elixer a Folia de Appenzel,

Expectorante, Antidiarréico, Vermífugo, Contra o Câncer, etc.

Verdeiro Crystal de Saúde do Dr. FRANCK

Particular para Enxaqueca, etc.

VERDADEIRO CRISTAL DE SAÚDE DO DR. FRANCK

Apertivo, Expectorante, Purga-
tivo, Diuréticos, Elixer a Folia de Appenzel,

Expectorante, Antidiarréico, Vermífugo, Contra o Câncer, etc.

Verdeiro Crystal de Saúde do Dr. FRANCK

Particular para Enxaqueca, etc.

VERDADEIRO CRISTAL DE SAÚDE DO DR. FRANCK

Apertivo, Expectorante, Purga-
tivo, Diuréticos, Elixer a Folia de Appenzel,

Expectorante, Antidiarréico, Vermífugo, Contra o Câncer, etc.

Verdeiro Crystal de Saúde do Dr. FRANCK

Particular para Enxaqueca, etc.

VERDADEIRO CRISTAL DE SAÚDE DO DR. FRANCK

Apertivo, Expectorante, Purga-
tivo, Diuréticos, Elixer a Folia de Appenzel,

Expectorante, Antidiarréico, Vermífugo, Contra o Câncer, etc.

Verdeiro Crystal de Saúde do Dr. FRANCK

Particular para Enxaqueca, etc.

VERDADEIRO CRISTAL DE SAÚDE DO DR. FRANCK

Apertivo, Expectorante, Purga-
tivo, Diuréticos, Elixer a Folia de Appenzel,

Expectorante, Antidiarréico, Vermífugo, Contra o Câncer, etc.

Verdeiro Crystal de Saúde do Dr. FRANCK

Particular para Enxaqueca, etc.

VERDADEIRO CRISTAL DE SAÚDE DO DR. FRANCK

Apertivo, Expectorante, Purga-
tivo, Diuréticos, Elixer a Folia de Appenzel,

Expectorante, Antidiarréico, Vermífugo, Contra o Câncer, etc.

Verdeiro Crystal de Saúde do Dr. FRANCK

Particular para Enxaqueca, etc.

VERDADEIRO CRISTAL DE SAÚDE DO DR. FRANCK

Apertivo, Expectorante, Purga-
tivo, Diuréticos, Elixer a Folia de Appenzel,

Expectorante, Antidiarréico, Vermífugo, Contra o Câncer, etc.

Verdeiro Crystal de Saúde do Dr. FRANCK

Particular para Enxaqueca, etc.

VERDADEIRO CRISTAL DE SAÚDE DO DR. FRANCK

Apertivo, Expectorante, Purga-
tivo, Diuréticos, Elixer a Folia de Appenzel,

Expectorante, Antidiarréico, Vermífugo, Contra o Câncer, etc.

Verdeiro Crystal de Saúde do Dr. FRANCK

Particular para Enxaqueca, etc.

VERDADEIRO CRISTAL DE SAÚDE DO DR. FRANCK

Apertivo, Expectorante, Purga-
tivo, Diuréticos, Elixer a Folia de Appenzel,

Expectorante, Antidiarréico, Vermífugo, Contra o Câncer, etc.

Verdeiro Crystal de Saúde do Dr. FRANCK

Particular para Enxaqueca, etc.

VERDADEIRO CRISTAL DE SAÚDE DO DR. FRANCK

Apertivo, Expectorante, Purga-
tivo, Diuréticos, Elixer a Folia de Appenzel,

Expectorante, Antidiarréico, Vermífugo, Contra o Câncer, etc.

Verdeiro Crystal de Saúde do Dr. FRANCK

Particular para Enxaqueca, etc.

VERDADEIRO CRISTAL DE SAÚDE DO DR. FRANCK

Apertivo, Expectorante, Purga-
tivo, Diuréticos, Elixer a Folia de Appenzel,

Expectorante, Antidiarréico, Vermífugo, Contra o Câncer, etc.

Verdeiro Crystal de Saúde do Dr. FRANCK

Particular para Enxaqueca, etc.

VERDADEIRO CRISTAL DE SAÚDE DO DR. FRANCK

Apertivo, Expectorante, Purga-
tivo, Diuréticos, Elixer a Folia de Appenzel,

Expectorante, Antidiarréico, Vermífugo, Contra o Câncer, etc.

Verdeiro Crystal de Saúde do Dr. FRANCK

Particular para Enxaqueca, etc.

VERDADEIRO CRISTAL DE SAÚDE DO DR. FRANCK

Apertivo, Expectorante, Purga-
tivo, Diuréticos, Elixer a Folia de Appenzel,

Expectorante, Antidiarréico, Vermífugo, Contra o Câncer, etc.

Verdeiro Crystal de Saúde do Dr. FRANCK

Particular para Enxaqueca, etc.

VERDADEIRO CRISTAL DE SAÚDE DO DR. FRANCK

Apertivo, Expectorante, Purga-
tivo, Diuréticos, Elixer a Folia de Appenzel,

Expectorante, Antidiarréico, Vermífugo, Contra o Câncer, etc.

Verdeiro Crystal de Saúde do Dr. FRANCK

Particular para Enxaqueca, etc.

VERDADEIRO CRISTAL DE SAÚDE DO DR. FRANCK

Apertivo, Expectorante, Purga-
tivo, Diuréticos, Elixer a Folia de Appenzel,

Expectorante, Antidiarréico, Vermífugo, Contra o Câncer, etc.

Verdeiro Crystal de Saúde do Dr. FRANCK

Particular para Enxaqueca, etc.

VERDADEIRO CRISTAL DE SAÚDE DO DR. FRANCK

Apertivo, Expectorante, Purga-
tivo, Diuréticos, Elixer a Folia de Appenzel,

Expectorante, Antidiarréico, Vermífugo, Contra o Câncer, etc.

Verdeiro Crystal de Saúde do Dr. FRANCK

Particular para Enxaqueca, etc.

VERDADEIRO CRISTAL DE SAÚDE DO DR. FRANCK

Apertivo, Expectorante, Purga-
tivo, Diuréticos, Elixer a Folia de Appenzel,

Expectorante, Antidiarréico, Vermífugo, Contra o Câncer, etc.

Verdeiro Crystal de Saúde do Dr. FRANCK

Particular para Enxaqueca, etc.

VERDADEIRO CRISTAL DE SAÚDE DO DR. FRANCK

Apertivo, Expectorante, Purga-
tivo, Diuréticos, Elixer a Folia de Appenzel,

Expectorante, Antidiarréico, Vermífugo, Contra o Câncer, etc.

Verdeiro Crystal de Saúde do Dr. FRANCK

Particular para Enxaqueca, etc.

VERDADEIRO CRISTAL DE SAÚDE DO DR. FRANCK

Apertivo, Expectorante, Purga-
tivo, Diuréticos, Elixer a Folia de Appenzel,

Expectorante, Antidiarréico, Vermífugo, Contra o Câncer, etc.

Verdeiro Crystal de Saúde do Dr. FRANCK

Particular para Enxaqueca, etc.

VERDADEIRO CRISTAL DE SAÚDE DO DR. FRANCK

Apertivo, Expectorante, Purga-
tivo, Diuréticos, Elixer a Folia de Appenzel,

Expectorante, Antidiarréico, Vermífugo, Contra o Câncer, etc.

Verdeiro Crystal de Saúde do Dr. FRANCK

Particular para Enxaqueca, etc.

VERDADEIRO CRISTAL DE SAÚDE DO DR. FRANCK

Apertivo, Expectorante, Purga-
tivo, Diuréticos, Elixer a Folia de Appenzel,

Expectorante, Antidiarréico, Vermífugo, Contra o Câncer, etc.

Verdeiro Crystal de Saúde do Dr. FRANCK

Particular para Enxaqueca, etc.

VERDADEIRO CRISTAL DE SAÚDE DO DR. FRANCK

Apertivo, Expectorante, Purga-
tivo, Diuréticos, Elixer a Folia de Appenzel,

Expectorante, Antidiarréico, Vermífugo, Contra o Câncer, etc.

Verdeiro Crystal de Saúde do Dr. FRANCK

Particular para Enxaqueca, etc.

VERDADEIRO CRISTAL DE SAÚDE DO DR. FRANCK

Apertivo, Expectorante, Purga-
tivo, Diuréticos, Elixer a Folia de Appenzel,

Expectorante, Antidiarréico, Vermífugo, Contra o Câncer, etc.

Verdeiro Crystal de Saúde do Dr. FRANCK

Particular para Enxaqueca, etc.

VERDADEIRO CRISTAL DE SAÚDE DO DR. FRANCK

Apertivo, Expectorante, Purga-
tivo, Diuréticos, Elixer a Folia de Appenzel,

Expectorante, Antidiarréico, Vermífugo, Contra o Câncer, etc.

Verdeiro Crystal de Saúde do Dr. FRANCK

Particular para Enxaqueca, etc.

VERDADEIRO CRISTAL DE SAÚDE DO DR. FRANCK

Apertivo, Expectorante, Purga-
tivo, Diuréticos, Elixer a Folia de Appenzel,

Expectorante, Antidiarréico, Vermífugo, Contra o Câncer, etc.

Verdeiro Crystal de Saúde do Dr. FRANCK

Particular para Enxaqueca, etc.

VERDADEIRO CRISTAL DE SAÚDE DO DR. FRANCK

Apertivo, Expectorante, Purga-
tivo, Diuréticos, Elixer a Folia de Appenzel,

Expectorante, Antidiarréico, Vermífugo, Contra o Câncer, etc.

Verdeiro Crystal de Saúde do Dr. FRANCK

Particular para Enxaqueca, etc.

VERDADEIRO CRISTAL DE SAÚDE DO DR. FRANCK

Apertivo, Expectorante, Purga-
tivo, Diuréticos, Elixer a Folia de Appenzel,

Expectorante, Antidiarréico, Vermífugo, Contra o Câncer, etc.

Verdeiro Crystal de Saúde do Dr. FRANCK

Particular para Enxaqueca, etc.

VERDADEIRO CRISTAL DE SAÚDE DO DR. FRANCK

Apertivo, Expectorante, Purga-
tivo, Diuréticos, Elixer a Folia de Appenzel,

Expectorante, Antidiarréico, Vermífugo, Contra o Câncer, etc.

Verdeiro Crystal de Saúde do Dr. FRANCK

Particular para Enxaqueca, etc.

VERDADEIRO CRISTAL DE SAÚDE DO DR. FRANCK

Apertivo, Expectorante, Purga-
tivo, Diuréticos, Elixer a Folia de Appenzel,

Expectorante, Antidiarréico, Vermífugo, Contra o Câncer, etc.

Verdeiro Crystal de Saúde do Dr. FRANCK

Particular para Enxaqueca, etc.

VERDADEIRO CRISTAL DE SAÚDE DO DR. FRANCK

Apertivo, Expectorante, Purga-
tivo, Diuréticos, Elixer a Folia de Appenzel,

Expectorante, Antidiarréico, Vermífugo, Contra o Câncer, etc.

Verdeiro Crystal de Saúde do Dr. FRANCK

Particular para Enxaqueca, etc.

VERDADEIRO CRISTAL DE SAÚDE DO DR. FRANCK

Apertivo, Expectorante, Purga-
tivo, Diuréticos, Elixer a Folia de Appenzel,

Expectorante, Antidiarréico, Vermífugo, Contra o Câncer, etc.

Verdeiro Crystal de Saúde do Dr. FRANCK

Particular para Enxaqueca, etc.

VERDADEIRO CRISTAL DE SAÚDE DO DR. FRANCK

Apertivo, Expectorante, Purga-
tivo, Diuréticos, Elixer a Folia de Appenzel,

Expectorante, Antidiarréico, Vermífugo, Contra o Câncer, etc.

Verdeiro Crystal de Saúde do Dr. FRANCK

Particular para Enxaqueca, etc.

VERDADEIRO CRISTAL DE SAÚDE DO DR. FRANCK

Apertivo, Expectorante, Purga-
tivo, Diuréticos, Elixer a Folia de Appenzel,

Expectorante, Antidiarréico, Vermífugo, Contra o Câncer, etc.

Verdeiro Crystal de Saúde do Dr. FRANCK

Particular para Enxaqueca, etc.

VERDADEIRO CRISTAL DE SAÚDE DO DR. FRANCK

Apertivo, Expectorante, Purga-
tivo, Diuréticos, Elixer a Folia de Appenzel,

Expectorante, Antidiarréico, Vermífugo, Contra o Câncer, etc.

Verdeiro Crystal de Saúde do Dr. FRANCK

Particular para Enxaqueca, etc.

VERDADEIRO CRISTAL DE SAÚDE DO DR. FRANCK

Apertivo, Expectorante, Purga-
tivo, Diuréticos, Elixer a Folia de Appenzel,

Expectorante, Antidiarréico, Vermífugo, Contra o Câncer, etc.

Verdeiro Crystal de Saúde do Dr. FRANCK

Particular para Enxaqueca, etc.

VERDADEIRO CRISTAL DE SAÚDE DO DR. FRANCK

Apertivo, Expectorante, Purga-
tivo, Diuréticos, Elixer a Folia de Appenzel,

Expectorante, Antidiarréico, Vermífugo, Contra o Câncer, etc.

Verdeiro Crystal de Saúde do Dr. FRANCK

Particular para Enxaqueca, etc.

VERDADEIRO CRISTAL DE SAÚDE DO DR. FRANCK

Apertivo, Expectorante, Purga-
tivo, Diuréticos, Elixer a Folia de Appenzel,

Expectorante, Antidiarréico, Vermífugo, Contra o Câncer, etc.

Verdeiro Crystal de Saúde do Dr. FRANCK

Particular para Enxaqueca, etc.

VERDADEIRO CRISTAL DE SAÚDE DO DR. FRANCK

Apertivo, Expectorante, Purga-
tivo, Diuréticos, Elixer a Folia de Appenzel,

Expectorante, Antidiarréico, Vermífugo, Contra o Câncer, etc.

Verdeiro Crystal de Saúde do Dr. FRANCK

Particular para Enxaqueca, etc.

VERDADEIRO CRISTAL DE SAÚDE DO DR. FRANCK

Apertivo, Expectorante, Purga-
tivo, Diuréticos, Elixer a Folia de Appenzel,

Expectorante, Antidiarréico, Vermífugo, Contra o Câncer, etc.

Verdeiro Crystal de Saúde do Dr. FRANCK

Particular para Enxaqueca, etc.

VERDADEIRO CRISTAL DE SAÚDE DO DR. FRANCK

</

